

Relatório de Estágio: Migrações, Racismo e Vidas Desperdiçadas

Marco Ciambellini

**Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia com
Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais**

Setembro, 2022

Relatório de Estágio: Migrações, Racismo e Vidas Desperdiçadas

Marco Ciambellini

**Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia com
Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais**

Setembro, 2022

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Sociologia com especialização em políticas públicas e desigualdades sociais realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Miguel Chaves.

Daí a ansiedade provocada pela dolorosa experiência de estar perdido e infeliz: não somos os únicos, ninguém está no comando, ninguém está por dentro. Não há como dizer quando e de onde virá o próximo ataque, até onde suas ondas vão chegar e qual será o grau do cataclismo. A incerteza e angústia que dela nasce são produtos básicos da globalização. Os poderes do Estado não podem fazer quase nada para aplicar a incerteza, muito menos para eliminá-la. O máximo que podem fazer é mudar seu foco para objetos alcançáveis. Tirá-la dos objetos em relação aos quais nada podem fazer e colocá-la sobre aqueles que pelo menos lhes propiciam uma demonstração da sua capacidade de manejo e controle. Refugiados, pessoas em busca de asilo, imigrantes – os produtos rejeitados da globalização – se encaixam perfeitamente nesse papel.

Z. Baumann

AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório de estágio foi possível graças ao apoio de diferentes pessoas, sem as quais este percurso não teria sido o mesmo.

Queria muito agradecer ao meu orientador Prof. Miguel Chaves, pela disponibilidade, tempo, gentileza e atenção. Sobretudo, agradeço por me ter feito apaixonar pelo estudo da Sociologia e por ter tido um impacto fortemente significativo na minha formação académica.

Agradeço sinceramente a todos os colegas do Conselho Português para os Refugiados (CPR), sobretudo à minha orientadora de estágio, Teresa Sousa, e ainda a Filipa Silvestre e Rita Pimenta. Senti-me em família desde o primeiro dia, e aprendi a admirar o empenho e dedicação quotidiana de todos os colegas a esta missão.

Não posso deixar de agradecer, por um lado, a toda a minha família, pelo o apoio nos momentos escuros e por me ter ensinado como ser um bom pai no futuro, e, por outro lado, aos meus amigos de Lisboa.

Por fim, quero agradecer aos requerentes de asilo do CPR que partilharam este ano comigo, por me terem ensinado muito sobre o significado da vida.

RESUMO

O presente Relatório de Estágio visa contribuir para a análise dos processos migratórios da última década, no contexto europeu, bem como da discriminação racial e suas consequências, tendo os imigrantes como o seu alvo principal. A primeira parte deste relatório consiste numa análise sociológica dos fenómenos migratórios mais recentes e das perspetivas sociológicas que explicam os movimentos migratórios. Simultaneamente, é desenvolvida uma análise sociológica e histórica do racismo, que abrange a sua construção histórica colonial, a sua legitimação, manutenção e, também, a condição da sua população alvo principal: os imigrantes e refugiados. A segunda parte do relatório tem a ver com o trabalho desenvolvido no Conselho Português para os Refugiados e o apoio psicossocial dado aos requerentes de asilo.

Palavras-Chave: Racismo, Refugiados, Vulnerabilidade, CPR

ABSTRACT

The following traineeship report aims to contribute to the analysis of the migration processes of the last decade, in the European context, and of racial discrimination and its consequences, as the immigrants are its main target. The first part of this traineeship report is based on a sociological analysis of the recent migratory phenomena and on the sociological perspectives that explicate the migratory movements. Moreover, it is developed a sociological and historical analysis of racism, that encompasses its historical colonial construction, its legitimization, maintenance and the condition of its main target: the immigrants and refugees. The second part of the traineeship report focuses on the work realized at Portuguese Council for Refugees and the psychosocial help given to the asylum seekers.

Keywords: Racism, Refugees, Vulnerability, CPR

Índice

Lista de Siglas e Abreviaturas	p. 9
1. Introdução.....	p. 10
2. Enquadramento conceptual do Estágio.....	p.12
2.1 As migrações numa perspectiva sociológica.....	p.12
2.2 Os movimentos migratórios da última década para a União Europeia e a condição dos refugiados.....	p. 15
2.3 Os requerentes de asilo em Portugal, o Conselho Português para os Refugiados e a sua integração	p. 17
2.4 O racismo e a sua sociologia	p.21
2.5 Perspectivas sociológicas sobre o racismo e a sua construção histórica	p. 22
2.6 Os novos racismos	p.24
2.7 Do racismo explícito para o racismo subtil.....	p.25
2.8 Racismo e modernidade.....	p. 25
3. Caracterização da entidade acolhedora.....	p. 28
3.1 O Conselho Português para os refugiados.....	p.28
3.2 Áreas de intervenção do CPR.....	p.29
4. Descrição das atividades desenvolvidas.....	p.32
5. Considerações finais.....	p.59
6. Referências Bibliográficas.....	p. 61

7. Anexos.....	p.67.
----------------	-------

Lista de Siglas e Abreviaturas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas

CACR – Casa de acolhimento para Crianças Refugiadas

CAR – Centro de Acolhimento para Refugiados

CERE – Conselho Europeu para os Refugiados e Exilados

CICDR – Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial

CPR – Conselho Português para Refugiados

ELENA – Rede Legal Europeia de Asilo

GIP – Gabinete de Inserção Profissional

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

HIP – Heroic Imagination Project

OIM – Organização Internacional pra as Migrações

SEF – Serviço Estrangeiros e Fronteiras

SCEP – Rede de Programa Europeu para as Crianças Separadas

1. Introdução

O presente relatório descreve as atividades desenvolvidas no estágio no âmbito do mestrado em Sociologia, com especialização em políticas públicas e desigualdades sociais, no Conselho Português para os Refugiados (CPR), com localização em Bobadela, Lisboa. O Conselho Português para os Refugiados é uma ONG que nasceu em 1993 como parceiro operacional do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) para Portugal, com o objectivo de proporcionar proteção jurídica e social aos requerentes de asilo e dos refugiados.

O estágio teve duração de 10 meses e visou dar o meu apoio no trabalho que é desenvolvido no Centro de Acolhimento para Refugiados 1 do CPR, quanto ao bem-estar e integração dos requerentes de asilo tanto no centro de acolhimento como no novo contexto português. No âmbito desta experiência, tive a oportunidade de trabalhar de forma bastante próxima com os requerentes de asilo e com os refugiados do CPR, e posso dizer sem dúvida alguma que, de todas as experiências profissionais da minha vida, esta foi, até agora, a mais gratificante e a que mais contribuiu para o meu crescimento como ser humano.

Tanto no meu percurso profissional como na minha vida pessoal, sempre fui motivado em estar ao lado de quem se encontra numa posição de desvantagem. Neste sentido, escolhi o CPR para este estágio curricular por uma razão específica. Nos anos passados tive a oportunidade de fazer voluntariado em um orfanato e com a União Italiana para os Cegos. Além disso, trabalhei, durante a minha precedente formação como psicólogo, numa clínica psiquiátrica e, antes disso, com a Caritas Italiana, apoiando os sem abrigo. Pensando nestes seres humanos, apesar da discriminação estrutural que vivenciam, eles mantêm ainda uma dignidade própria no cenário coletivo. Se pensarmos nos requerentes de asilo e refugiados, devemos nos perguntar: que vida vale menos do que a deles? Parece claro que, dentro daquele grande caldeirão que Bauman define como vidas desperdiçadas, Foucault como anormais ou Cesaire como condenados da terra, neste momento histórico o último anel é composto por esta categoria.

A estrutura deste relatório encontra-se dividida em cinco capítulos. O primeiro é a introdução, o segundo é o enquadramento teórico onde se propõe uma análise sociológica dos recentes fenómenos migratórios para a Europa. Na segunda parte do enquadramento teórico é realizada uma análise sociológica e histórica e do racismo e da sua legitimação, e ainda, brevemente, a sua interseção com

a psicologia (percurso académico que realizei anteriormente). A seguir, no terceiro capítulo é realizada uma apresentação do local de acolhimento e no quarto são descritas as atividades desenvolvidas. No último capítulo são propostas reflexões de tipo pessoal e subjetivo.

2. Enquadramento conceptual do Estágio

2.1 As migrações numa perspectiva sociológica

Um primeiro argumento de estudo, na análise dos movimentos migratórios, tem a ver com as causas que os produzem. Assim como acontece no estudo de outros fenómenos sociais, é possível delinear duas perspectivas principais: uma perspectiva macrosociológica/estruturalista que encontra as causas em razões externas aos indivíduos, como económicas, políticas, culturais, que podem influenciar o comportamento dos indivíduos; e uma microsociológica que desenvolve a sua análise considerando o indivíduo um ator social que toma decisões de forma racional, para conseguir o maior bem-estar alcançável. Esta perspectiva é defendida por autores como Max Weber. Contudo, outros modelos teóricos mais recentes incluíram ulteriores fenómenos sociais, próprios da última metade do século passado, como falta de trabalho, pobreza e sobrepopulação do terceiro mundo ou a globalização.

Um dos conceitos mais recentes da sociologia é o conceito de pressão migratória, com ênfase no dado demográfico que explica, por exemplo, os movimentos migratórios do Norte da África para os países do Sul da Europa (Livi Bacci e Martuzzi Veronese, 1990). Outro, é o das teorias neomarxistas das dependências, pelas quais as migrações por razões económicas ocorrem por causa de desigualdades geográficas nos processos de desenvolvimento, causadas pelas relações coloniais que reproduzem a exploração do terceiro mundo através de trocas económicas desiguais (Pasquino, 1997). Consequência disto é o fenómeno de *brain drain*, que priva os países do terceiro mundo dos melhores recursos humanos, que acabam por contribuir para o desenvolvimento dos países para onde têm emigrado, e alimentando ainda mais aquela espiral de dependência das regiões do mundo que são sujeitas ao domínio dos países mais desenvolvidos por relações de dependência (Ambrosini, 2005).

Uma outra versão da abordagem estruturalista é representada pelas teorias, como a de Wallerstein (1982), que indicam que a globalização incrementa os laços entre as diferentes áreas do planeta. O autor tem classificado os países com base no grau de dependência dos países do primeiro mundo, e neste sentido as migrações são conceptualizadas como um efeito da dominação dos países do mundo ocidental, que através de estabelecimentos de atividades produtivas perturbam e desorganizam a economia local. Assim sendo, segundo o autor as culturas destes países acabam por dissolver-se sempre mais, e os seus cidadãos são socializados segundo os modelos culturais dos países dominantes, para onde muitas vezes tais indivíduos acabam por dirigir-se.

Uma das críticas que é feita a estes paradigmas é que as migrações dependem essencialmente de diferenças económicas entre os países do mundo, mas esta razão, por si só, não é suficiente para explicá-las, também porque esta visão conceptualizaria os imigrantes como sujeitos passivos. Outros fatores estão implicados e têm de ser tidos em conta. Os imigrantes não provêm sempre dos estratos mais pobres do país de proveniência, mas muitas vezes das classes médias, como por exemplo no caso da Nigéria, e ainda, muitos dos imigrantes que chegam ao continente europeu tem um certo nível de instrução e experiência profissional qualificada, fazendo aparecer muitas vezes este tipo de imigração como uma estratégia de defesa de uma qualidade de vida típica de uma família que não é de classe baixa (Ambrosini, 2005). Portanto, esta diferente abordagem faz-nos refletir sobre o facto de que os imigrantes são poucos se comparados com o grandíssimo número de pessoas no mundo que não possuem os bens materiais mínimos, e quer ser pobre não é suficiente para emigrar, pois é necessário ter recursos e capacidade para isso, realizando um acto que é voluntário e intencional. Ver as migrações sob uma lente mecânica não é, portanto, suficiente; não basta um impulso para gerar um movimento migratório, mas outros fatores jogam um papel muito importante, como, por exemplo, o regulamento de fluxos migratórios dos países do primeiro mundo (Massey et al., 1998). Este tipo de regulamentação pode privilegiar, por exemplo, trabalhadores de tipo qualificado, que deveriam submeter-se menos, no seu país, a fatores que os levam a emigrar.

Por fim, uma outra perspectiva é fornecida pelo sociólogo Piore (1979) com a teoria dualista do mercado de trabalho, que liga a necessidade de mão de obra imigrante com o funcionamento dos sistemas económicos do primeiro mundo. Neste país há uma diferença, uma discrepância entre as boas condições laborais dos trabalhadores numa posição de força e, por outro lado, instabilidade, baixos salários e baixo estatuto social em todas as outras ocupações (muitas são inultrapassáveis, como o trabalho agrícola, de construção). Segundo o autor, neste país é necessário proteger uma parte dos trabalhadores das flutuações próprias da economia capitalista, e para fazer isso tem que ser transferida para uma outra fatia da população trabalhadora toda a incerteza e instabilidade económica que o sistema produz. Desta outra fatia fazem parte todos os trabalhadores numa posição mais fraca sem um trabalho estável (mulheres com filhos pequenos, jovens trabalhadores ainda ocupados nos próprios estudos). Os imigrantes gradualmente substituem estas últimas categorias, desejosos de trabalhar e guardar dinheiro, privados de laços sociais, com aspirações claramente diferentes dos trabalhadores autóctones. Se para estes últimos o conseguimento de um bom estatuto social e prestígio joga um papel fundamental, para os imigrantes a preocupação principal terá mais a ver com o poupar dinheiro destinado ao apoio dos familiares nos países de origem, à custa do conseguimento de um emprego digno. Isto significa estar disponível para aceitar trabalhos mal remunerados.

As análises do sociólogo Piore (1979) remetem à teoria do exército industrial de reserva de Karl Marx, desenvolvida no primeiro texto do *Capital*. Marx indica que a entrada de mão de obra imigrante é necessária para o sistema capitalista, no momento em que os trabalhadores começam a reivindicar os seus direitos de classe. Com a descida do custo da força de trabalho que a entrada de mão de obra imigrante comporta e, ainda, o enfraquecimento do poder contratual dos trabalhadores autoctones e dos sindicatos, o mercado laboral torna-se mais instável, em benefício dos detentores dos meios de produção.

Mais especificamente, a sociologia tem produzido três perspectivas teóricas acerca da inserção no mercado de trabalho de mão de obra imigrante, e sobre as suas consequências. Uma primeira corrente liberal (Escola de Chicago) indica que os imigrantes, à própria chegada, se encontram nos degraus mais baixos da sociedade, mas com o tempo podem subir na escada social, e tal subida abre lacunas na base da pirâmide ocupacional que devem ser preenchidas com novos ingressos (Ambrosini, 2005). Esta visão otimista sobre o futuro dos imigrantes, baseia-se no falso critério capitalista da meritocracia, segundo o qual todos poderíamos aceder às mesmas posições, sem ter em conta o facto de que nem todos avançamos a partir do mesmo ponto de partida, e exclui outros fatores estruturais como o racismo e outras formas de discriminação. Tal corrente da sociologia tem sido fortemente criticada pela sociologia estruturalista, onde confluem as teorias marxistas, indicando que as sociedades ocidentais precisam dos imigrantes e que não estão disponíveis em tratá-los de forma igualitária. Pelo contrário, tem interesse em colocá-los numa posição de subalternidade, privando-os cada vez mais dos próprios direitos como trabalhadores. Ainda, a manutenção desta hierarquia ocupacional tem também a função de dar maior motivação à classe trabalhadora autoctone, que sentirá estar um passo acima da classe trabalhadora imigrante, amortecendo eventuais conflitos sociais. Também outros fenómenos das últimas décadas têm questionado estas duas perspectivas. Um é o pedido de imigrantes qualificados e instruídos no mercado de trabalho, outro é a criação de redes de recíproca solidariedade entre imigrantes, por exemplo, através do início de atividade de empreendedorismo imigrante. (Ambrosini, 2005). Esta última corrente da sociologia, portanto, valoriza a capacidade de iniciativa e a autonomia dos imigrantes, em contraposição com uma visão estruturalista que se foca no porquê das sociedades desenvolvidas precisarem de mão de obra imigrante.

Estas últimas análises permitem compreender como, na realidade, os imigrantes são tudo menos um problema para a nossa economia e coesão social, como muitas forças políticas tentam

revindicar. A abertura de portas à imigração constitui, sempre numa perspectiva marxista, uma enorme vantagem para as classes dominantes, desestabilizando o mercado de trabalho e tornando a luta de classe horizontal (autoctones vs imigrantes) em vez que vertical (autoctones e imigrantes vs elites). Ainda, não só as elites retiram proveito deste processo, mas também a população nacional como um todo, sendo que a maioria dos imigrantes realiza trabalhos que a população autoctone não quer fazer, suprimindo a falta de mão de obra, e contribuindo para a segurança social mais que outras camadas da população, que consegue evadir o fisco. Neste sentido, como veremos mais à frente neste relatório de estágio, o racismo joga um papel muito importante como legitimador das desigualdades sociais, e sobretudo, como fator de distração de outras dinâmicas que permitem uma injusta distribuição de recursos.

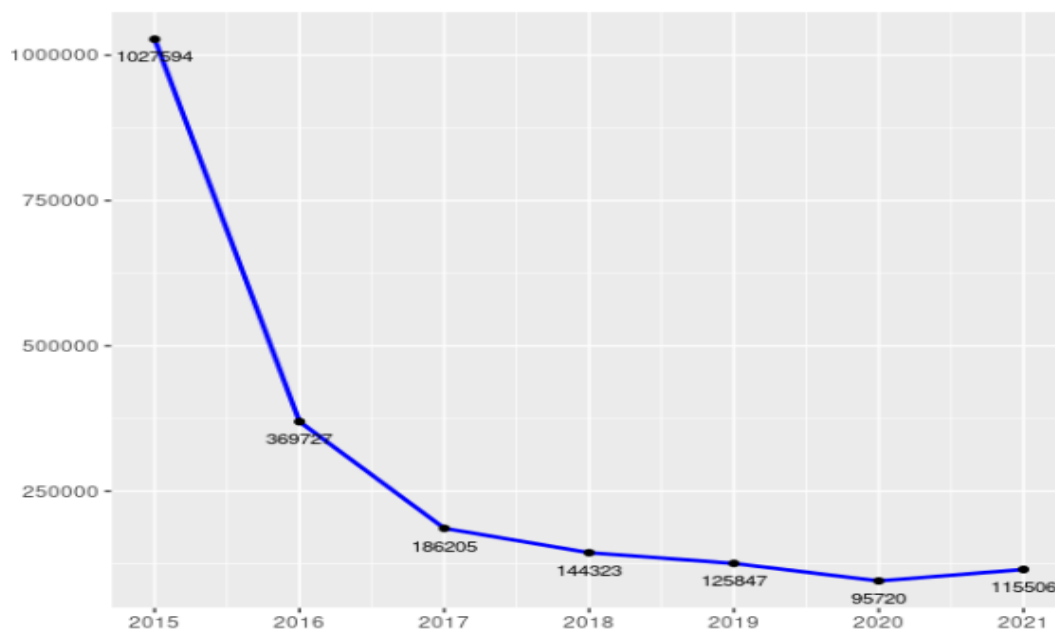
2.2 Os movimentos migratórios da última década para a União Europeia e a condição dos refugiados

As migrações são um fenómeno tão antigo como a humanidade, e pode-se afirmar que os humanos são uma espécie migratória (Massey et al., 1999). Antes de se tornar sedentária, a humanidade tinha sido nómada, impregnada de incessantes deslocações (guerras, carestias, diásporas, invasões, deportações) que fazem reconhecer nos seres humanos uma propensão inata à mobilidade geográfica (Ambrosini, 2005).

A crise geopolítica criada pela “Primavera Árabe” no ano 2011 e pela guerra civil na Síria, têm gerado grandes fluxos de pessoas obrigadas a fugir para tentar salvar a própria vida. Uma grande parte deste fluxo tem migrado para a União Europeia, abrindo um novo capítulo nos livros de história. A crise Europeia dos imigrantes tem o seu começo no ano 2013, quando um número sempre maior de migrantes começou a deslocar-se de continentes extra-europeus para a União Europeia, sobretudo viajando pelo Mar Mediterrâneo ou pelos países na fronteira com o Leste Europeu, com o objetivo de pedir asilo e proteção internacional (UNHCR, 2016). As rotas migratórias privilegiadas são aquelas que vão da África Ocidental para o Marrocos, da África Central para a Itália, através da Líbia, e a rota balcânica pela Grécia e Turquia (Monzini, 2015). Diferentes tipos de conflitos como a guerra civil da Síria e a guerra civil na Líbia, assim como crises migratórias em diferentes países da Ásia e África, levaram no ano 2014 à chegada de quase 60 milhões de refugiados no contexto europeu, número mais alto registrado desde a 2ª guerra mundial (UNHCR, 2014). Aqueles que chegam ao território Europeu não podem ser definidos unicamente como “imigrantes”, porque existem múltiplas

razões para que eles possam decidir emigrar (guerras, perseguições, procura de melhores condições económicas): são fluxos constituídos por migrantes e refugiados ao mesmo tempo (Naso, 2015).

Migrantes chegados à Europa por via terrestre e marítima, ao longo das migrações entre 2014 e 2021.



Fonte: <https://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean>

A complexidade deste fenómeno migratório está no facto de que os imigrantes têm motivações de tipo económico que os levam a emigrar, mas também em muitos casos os requisitos para poder pedir asilo político. O paradoxo é que em quase todos os casos (além de algumas exceções, como alguns programas de recolocação e reinstalação da Agenda Europeia das Migrações) não dispõem dos instrumentos legais para pedir a aplicação do direito humanitário antes da própria partida: para apresentar pedido de proteção internacional podem só atravessar ilegalmente o Mar Mediterrâneo (Fatichenti, 2004). Por exemplo, as companhias aéreas não aceitam passageiros que não tenham um visto, e portanto, pensando sobretudo em requerentes de asilo que provêm do continente africano, a única solução é a entrada clandestina na Europa. A decisão de atravessar o Mediterrâneo é para muitos uma escolha de vida ou de morte: em vários países, não são perdoados os desertores, e o retorno à pátria significaria a morte.

Ao chegar à União Europeia, os imigrantes e requerentes de asilo são sujeitos aos regulamentos da União Europeia sobre imigração e requerentes de asilo. Após a Convenção de Genebra (1951) e os Acordos de Shengen (1985), a União Europeia realizou um passo decisivo na gestão do direito de proteção internacional com o Tratado de Amsterdam (1999) que tornou as decisões em matéria da União Europeia mais influentes que aquelas de cada um dos seus países membros e ainda, é afirmado com o *burden sharing* o princípio de que todos os imigrantes sejam distribuídos equitativamente pelos vários países da UE. O regulamento vinculante para todos os países da União Europeia é o Regulamento de Dublin, que indica que o primeiro Estado no qual o requerente de asilo entra é responsável pelo exame do seu pedido de asilo, na União Europeia. Esta lógica tem comportado consequências negativas para os países do Sul da Europa, sendo que, pela sua posição geográfica, recebem a grande maioria dos imigrantes provenientes do continente africano e são obrigados a identificar todos os imigrantes chegados ilegalmente, analisar os seus pedidos de asilo, rejeitar os que não se encaixam nos parâmetros dos direitos de asilo e inserir nos programas de proteção internacional os que tiveram um êxito positivo aos seus pedidos de asilo (Fatichenti, 2004).

O que se pode ver, portanto, é uma profunda contradição da União Europeia frente à crise migratória da última década. Apesar de uma doutrina que quer proteger os requerentes de asilo e refugiados, existe uma barreira em relação a eles. O direito a apresentar um pedido de proteção internacional é permitido só a quem consegue chegar ao continente europeu, e a única forma para fazê-lo é de forma ilegal, arriscando a própria vida e enriquecendo os responsáveis pelo tráfico de seres humanos.

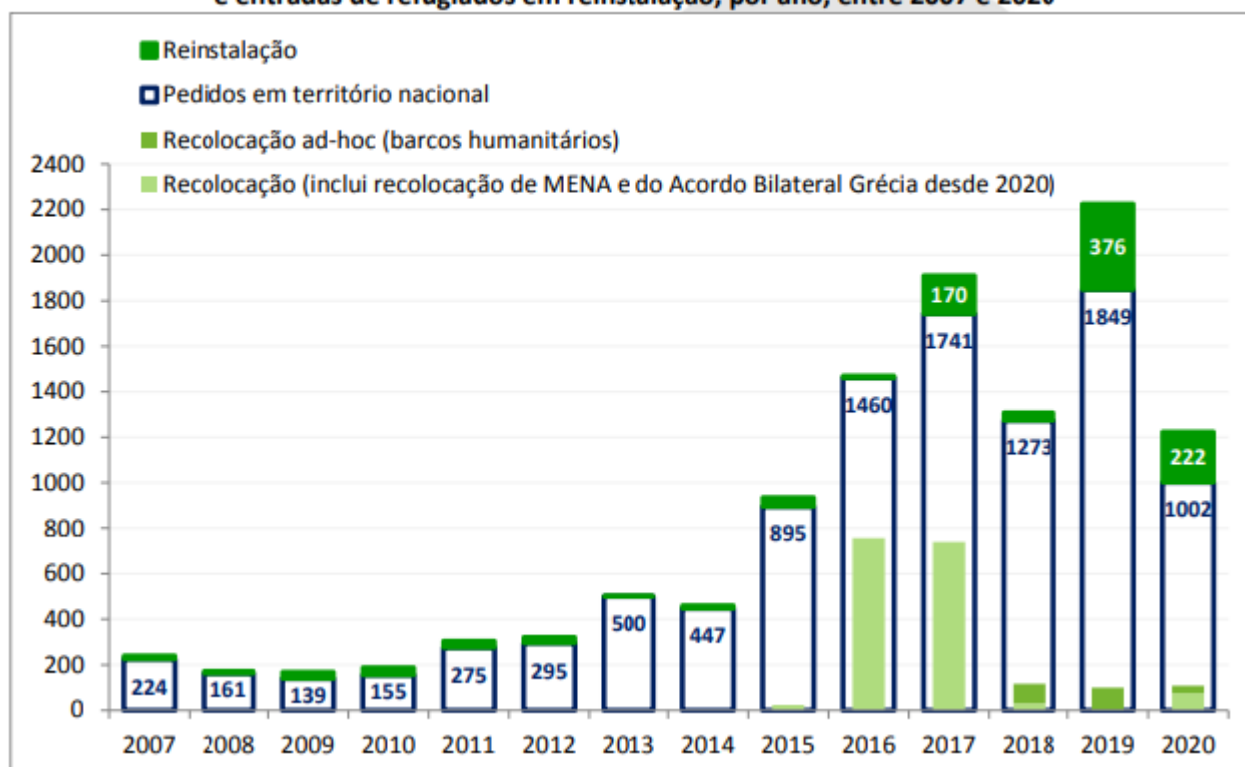
2.3 Os requerentes de asilo em Portugal, o Conselho Português para os Refugiados e a sua integração

Pensando na segunda metade da última década, entre 2015 e 2020, as chegadas de requerentes de asilo em Portugal tem ocorrido por meios diferentes. Se até o ano 2015 os pedidos de proteção internacional eram sobretudo de tipo espontâneo, realizados em território português, entre 2015 e 2020 a proteção internacional ocorre também por outros mecanismos (De Oliveira, 2021).

- Proteção através do mecanismo de *recolocação* (2015-2018), com compromisso de receber 2.951 requerentes de asilo

- Acordo UE/Turquia 1x1 assumido como uma forma de *reinstalação* (2016-2017), com compromisso de reinstalar 200 pessoas
- O mecanismo de *reinstalação* 2018-2019, com o compromisso de reinstalar da Turquia e do Egipto 1.010 pessoas
- O mecanismo de *recolocação voluntária* de menores não acompanhados (desde 2020) com o compromisso de acolhimento até 500 crianças e jovens
- O mecanismo de *recolocação ao abrigo* do acordo bilateral celebrado entre Portugal e a Grécia para o acolhimento de 100 pessoas
- Nos últimos 3 anos, Portugal tem realizado uma *recolocação* ad hoc de barcos humanitários provenientes de Itália e Malta

Pedidos de proteção internacional a Portugal em território nacional e entradas de refugiados em reinstalação, por ano, entre 2007 e 2020



Fonte: De Oliveira, 2021

Segundo os dados do último relatório anual do Conselho Português para os Refugiados (Conselho Português para os Refugiados, 2021) no ano 2021 registaram-se 1411 pedidos de proteção internacional, realizados por requerentes de asilo de 88 diferentes nacionalidade, sendo o Afeganistão,

Marrocos, Índia, Gâmbia e Guiné-Bissau os países mais representativos. Ainda, 56 crianças não acompanhadas apresentaram pedido de asilo e de todos os requerentes, 36% de quem pediu asilo pertence ao sexo feminino. Específico do ano 2021 é o acolhimento de 131 requerentes afegãos na sequência da evacuação humanitária do país. Quanto ao ano 2022 e as consequências da invasão da Ucrânia por parte da Rússia, os requerentes de asilo ucranianos seguidos pelo CPR foram relativamente poucos, com a resolução do conselho dos ministros nº29, a partir de 10 de Março 2022, os pedidos de proteção internacional por parte de cidadãos ucranianos podem ser feitos diretamente no SEF, com o objetivo de simplificar a concessão de proteção aos cidadãos deslocados da Ucrânia.

Uma vez chegados a Portugal, os requerentes de asilo têm direito a receber apoio para o seu acolhimento desde o momento em que é apresentado o pedido de proteção internacional até receberem uma resposta por parte das autoridades (Ministério da Administração Interna). Se o pedido de proteção internacional for bem-sucedido, o requerentes de asilo receberão uma autorização provisória de residência, ponto de partida para a sua inserção e integração em Portugal. Portanto, em fase de admissibilidade o acolhimento de requerentes de asilo compete ao Conselho Português para os Refugiados. A seguir, quando é concluída a fase de admissibilidade o CPR encaminha os requerentes para o Grupo Operativo do Protocolo de Cooperação para Apoio a Requerentes e Beneficiários de Proteção Internacional, coordenado pelo Instituto de Segurança Social. Cabe a este último definir um plano de inserção, que se articule com os diferentes serviços relativos às áreas da saúde, educação e formação para o mercado laboral. É importante aqui clarificar um aspecto: isto é possível no caso dos requerentes de asilo que conseguem obter a autorização de residência provisória pelo SEF e se encaminham para um futuro na sociedade portuguesa. Caso diferente passa-se com os requerentes de asilo que infelizmente não obtiveram uma resposta positiva por parte do SEF. Nestes casos é normalmente contactado um advogado que dá apoio jurídico ao requerente através um pedido de recurso a um tribunal administrativo. Caso isto também seja negativo, podem ocorrer outras dinâmicas, como, por exemplo, o requerente de asilo pode tentar regularizar-se como imigrante económico, inserindo-se no mercado de trabalho português, ou pedir apoio da Organização Internacional para as Migrações (OIM) para retornar voluntariamente no país de origem. Como é possível imaginar, caso a decisão do SEF seja negativa, o trabalho de apoio ao requerentes de asilo torna-se muito mais complicado e desgastante, sendo que o mesmo entra numa espiral de meses de frustração e desconforto, vendo a própria vida suspensa e à espera que o tribunal se pronuncie sobre o que será o seu futuro.

A partir do ano 2015, por causa da forte pressão migratória, Portugal desenha o *Plano Nacional para o Acolhimento e Integração de Pessoas Refugiadas Recolocadas* para

melhorar a integração dos refugiados em Portugal, reforçando o acesso à alimentação, habitação, cuidados de saúde, educação, cursos de língua portuguesa, mercado laboral e apoio jurídico. No ano 2020, com a da Resolução nº 14 do Conselho de Ministros foi estabelecido que é de competência do Alto Commisariado para as Migrações a elaboração de um modelo de acolhimento e intervenção para os requerentes de asilo, definindo os seus princípios e responsabilidade das várias entidades envolvidas. Ainda, foi decidido que é competência do SEF ter de garantir apoio e prestar apoio social até à decisão de admissão do pedido de proteção internacional, e competência do Instituto da Segurança Social a proteção internacional para titulares de autorização de residência provisória e beneficiários de proteção internacional (De Oliveira, 2021).

Ainda, quanto ao acolhimento e integração dos requerentes de asilo, a Lei de Asilo 27/2008 estipula que as entidades competentes devem promover programas específicos de intervenção. No Grupo de Trabalho para Agenda Europeia para as Migrações foi desenvolvido o Plano Nacional para o Acolhimento e Integração de Pessoas Refugiadas que pretende tornar o processo de integração dos requerentes de asilo um processo multidimensional. Nomeadamente, é competências das entidades que trabalham em parceria com o Governo Português (como o CPR, a Cruz Vermelha, a União das Misericórdias, a Câmara Municipal de Lisboa, a Plataforma de Apoio a Refugiados), assegurar abrigo, inscrição no Serviço Nacional de Saúde, nas Finanças para a obtenção do Número de Identificação Fiscal e na Segurança Social para o Número de Identificação de Segurança Social, e no Instituto de Emprego e Formação Profissional para a inserção no mercado laboral. É de competência do Alto Commisariado para as Migrações supervisionar e controlar o plano de acolhimento de cada identidade. Ainda, outra dimensão muito importante do processo de integração é o acesso à aprendizagem da língua portuguesa, normalmente realizado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, pelo Alto Commissariado pelas Migrações, pela Direção Geral da Educação, ou por organizações não governamentais como a Plataforma Speak Social. Outro eixo importante é garantir o acesso à educação, simplificando a inserção nas instituições de ensino em Portugal, sobretudo quando se trate de menores de idade. Mais importante ainda, é a inserção no mercado laboral, que resulta ser a mais desafiadora por várias razões. Uma das maiores dificuldades é o não dominar a língua portuguesa, assim como o não ter os próprios títulos de estudo validados em Portugal, ou ainda pouca sensibilidade e desconfiança por parte das empresas no momento de contratar um cidadão que pediu asilo político, ou o não acharem a autorização de residência provisória um documento válido para contratar refugiados (De Oliveira, 2021).

Se esta primeira parte do enquadramento teórico se focou no estudo dos movimentos migratórios, as suas causas e consequências, assim como fornecer uma panorâmica sobre a condição

dos imigrantes que chegam ao continente europeu e a Portugal, a segunda parte pretende fornecer uma perspectiva sociológica do racismo, do qual os imigrantes são o alvo maior.

2.4 O racismo e sua sociologia

O racismo afigura-se-nos como uma quimera pela sua intrínseca mutabilidade, como um fluido que toma a sua forma dependendo do recipiente. A sua compreensão exige um olhar pluralista que considere as características dos indivíduos, a própria genética, e sobretudo como o mundo e a sociedade onde estão moldam e plasmam os atores sociais. Se a tendência em filtrar o mundo através das categorias *ingroup* e *outgroup* parece algo inato e transversal à história do homem, é da mesma importância recordar que os indivíduos mudam e que os vários atores sociais apresentam características extremamente diferentes um do outro. Apesar disso, em última análise, a matriz das ideologias do nosso mundo sociológico é uma construção social, assim como, neste caso, o racismo. Esta parte do enquadramento teórico do relatório de estágio pretende mostrar como o racismo tem sido trabalhado na sociologia, e depois ilustrar brevemente o contributo da psicologia, por ter sido o meu percurso de estudos precedente.

A psicologia clínica tem se focado no estudo dos traços de personalidade associados a atitudes e crenças racistas. Uma marcada tendência para a *social dominance orientation* (segundo a teoria de Pratto e Sidanius) assim como um forte grau de *right wing authoritarianism* (segundo a teoria de Altemeyer, que amplia o conceito de personalidade autoritária de Adorno) têm mostrado ser os principais fatores preditores de racismo (Duckitt & Sibley, 2010; Duckitt et al., 2002; Ekehammar et al., 2004). Ainda, o conservadorismo, a intolerância para a ambivalência, baixas pontuações nas provas de habilidades cognitivas são outros factores associados a crenças racistas (Hodson & Dont, 2015). Utilizando os principais testes de personalidade, as variáveis que mais se mostraram correlacionadas com o racismo são um baixo grau de abertura à experiência (Bell & Dunbar, 2012), narcisismo, maquiavelismo e psicopatia (Hodson et al., 2009), bem como baixa capacidade de transcender o próprio egocentrismo e amar a vida (Maccoby, 1972). Por fim, como principais perturbações de personalidade, num importante estudo com o *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* as perturbações mais associadas ao preconceito são a paranóia, perturbação borderline e perturbação antissocial de personalidade (Dunbar, 1997). É interessante também reportar as recentes

desculpas oficiais da American Psychological Association (APA, 2021) por ter admitido o seu ainda insuficiente contributo na compreensão e combate ao racismo sistémico nos Estados Unidos.

Quanto ao contributo da psicologia social, de salientar, dentro das inúmeras investigações, a percepção de ameaça intergrupar e a repugnância para o esogrupo (Hodson & Dont, 2015). Ainda, a negação histórica da violência colonial no contexto português e australiano, (Sibley 2012; Valentim 2011; Valentim & Heneno 2018) como processos intergrupais que podem ser determinantes quanto ao aumento dos níveis de racismo e preconceito.

2.5 Perspectivas sociológicas sobre o racismo e a sua construção histórica

Se a nossa análise acabasse aqui poderíamos tranquilamente iludirmo-nos de ter confinado o racismo a um processo ligado à esfera individual, a uma patologia do indivíduo, a um desvio dos “normais” padrões de comportamento. Pensar nesses termos é, no entanto, muito perigoso, uma vez que não só se recalcaria o aspeto estrutural e endémico à sociedade racista e estratificada onde vivemos (Almeida, 2018) mas também acabaríamos por justificar e desresponsabilizar as classes dominantes (Zimbardo, 2007). Como tal, para compreender o que é afinal o racismo e a ideologia racial devemos primeiramente estudar as suas raízes históricas. O racismo não é um fenómeno que precede a existência humana, mas é um produto da nossa existência nos últimos séculos, uma construção social que foi definida como “raça”. A criação da raça nasce como produto inevitável do colonialismo, sendo que este processo histórico precisa da instrumentalização desta palavra para justificar-se. Segundo Foucault (2005) e Agnes Heller (1985) a ideologia racial é criada com o objetivo de justificar os impérios coloniais. Se alguém objetasse a esta análise afirmando que o racismo é transversal à história da humanidade, Winant (2000) e Goldberg (2002) indicariam que antes do expansionismo colonial o que diferenciava as diferentes civilizações era unicamente várias formas de etnocentrismo. A seguir, após termos aprofundado a sua criação e matriz histórica, um sucessivo eixo de análise importante é que o racismo deve ser enquadrado como um fenómeno estrutural. Pelo professor da Universidade de São Paulo Silvio Almeida (2018) isto significa que o racismo transcende o âmbito da ação individual, sendo algo que não é só criado pelas instituições mas sobretudo é reproduzido por estas. É a regra e não a exceção. É importante recordar também como as ideologias discriminatórias (raciais, de género, de classe) assentam sobre uma estrutura de

estratificação social sem a qual nem poderíamos pensar, por exemplo, em termos raciais. O racismo, portanto, está ligado à estratificação étnica (Rex et al., 1988).

Ainda, segundo Wimmer (1997) a sociologia tem produzido outros tipos de abordagens para enquadrar o racismo, que podem ser categorizadas em quatro eixos principais:

- Teoria da escolha racional: o racismo como consequência da competição para o acesso aos recursos entre autoctones e imigrantes
- Teorias funcionalistas: o racismo seria a consequência da incapacidade dos imigrantes em adaptar-se a novos hábitos culturais, por virem maioritariamente de sociedades menos desenvolvidas
- Teoria da comunicação discursiva: a incapacidade de assimilação por parte dos imigrantes é baseada na construção de uma alteridade estigmatizante, que de facto impede sua integração
- Teorias fenomenológicas: os fenómenos raciais seriam ligados a uma fase política onde algumas promessas, como o welfare state, gerando conflitos sociais, onde os imigrantes seriam o bode expiatório

Novamente, para uma análise sociológica do racismo, é importante reafirmar que a raça é socialmente construída, e os seus limites de definição são moldados pelas classes dominantes (Clair & Denis, 2015). Neste aspecto, no mundo social o racismo é influenciado por parte das representações sociais dominantes. As representações sociais são ideias e sistemas de valores para permitir que os atores sociais se orientem no mundo e para facilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade através do mesmo sistema de categorização dos elementos da realidade (Moscovici, 1973). Descrevem a realidade social que é construída através das nossas interações sobre o mundo social, determinando a nossa percepção e concepção da realidade (Purkhardt, 1993). Nesta linha, uma outra importante análise conceptualizaria o racismo como uma representação social das diferenças entre os grupos humanos e a sua hierarquização; e, como representação social da natureza da humanidade, o racismo se basearia nos seguintes processos psicológicos fundamentais: categorização (crença que a humanidade seja organizada de acordo com grupos étnicos); diferenciação (existem diferenças profundas entre grupos humanos); hierarquia (determinados grupos têm uma superioridade permanente sobre os outros); essencialização (as diferenças são imutáveis); alteridade racial (nem todos os grupos possuem as mesmas características que o sentido comum considera que são específicas dos seres humanos) (Vala, 2013). Por exemplo, a investigação de Vala, Pereira e Costa-Lopes (2009) reforça esta perspectiva.

Ainda, a sociologia tem desenvolvido diferentes linhas de abordagem para o estudo o racismo. Uma, tem concebido o racismo como enraizado nos conflitos económicos e políticos (Blumer 1958; Wimmer, 1997). Nesse sentido, mas de forma mais forte, para Bauman (1992) o racismo é um processo principalmente de engenharia social onde se constrói uma ordem social artificial que elimina os elementos da realidade que não se encaixam nos padrões esperados, segundo os mecanismos das micromecânicas do poder (Foucault, 2005). Outros têm visto o racismo como inscrito nas lutas de classes, afirmando que o racismo é necessário para as classes dominantes fazerem com que o conflito seja sempre horizontal - entre autóctones e imigrantes- , e nunca vertical – proletários autóctones e imigrantes contra as classes dominantes. Levando mais para a frente o conceito de biopolítica de Foucault, o filósofo pós-colonial Achille Mbembe (2014) define o racismo como necropolítica cujo único objetivo é levar para a morte determinadas pessoas.

2.6 Os novos racismos

Nos anos 80-90 surgem outras teorias acerca do racismo, mostrando que por causa das leis muito mais restritivas nos últimos decénios, o racismo não mais se tem podido expressar de forma explícita, mas de forma subtil para contornar as normas antirracistas. Aqui, novamente, o contributo da psicologia social é determinante. Essa corrente tem sido chamada por Barker (1981) de “novo racismo” e tem sido operacionalizada empiricamente por Pettigrew e Merteens (1995) como preconceito subtil. Nessa linha de investigação, num artigo chamado “a construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais” (Costa Lopes et al., 2008) é mostrado que já só a atribuição de diferença cultural em grupos minoritários pode ser uma forma de preconceito, em linha com outros estudos que já anteriormente mencionavam que a simples atribuição de diferença cultural acaba por justificar a inferioridade atribuída a alguns grupos sociais (Vala et al., 1999). Outro estudo (Quillian, 2006) indica que as crenças raciais implícitas existem até para quem mostra uma baixa pontuação numa escala de medidas de racismo explícito. Como tal, podemos perceber que o racismo neste caso teria escoamento em outra forma não limitada pelas normas antirracistas, por exemplo, declarando-se contra políticas de redistribuição dos recursos económicos no orçamento estatal.

2.7 Do racismo explícito para o racismo subtil

Nesse sentido, nos últimos anos o racismo tem começado a ser medido através de instrumentos que medem eventuais bias raciais implícitos penetrando numa camada mais inconsciente da pessoa, sendo que, como já mencionado, as formas explícitas de racismo vão sempre reduzindo-se face ao fortalecimento das leis antirracistas. Utilizando o *Implicit Association Test*, vários estudos mostraram que os participantes associam mais facilmente traços positivos com brancos que com outros grupos étnicos, como por exemplo numa amostra de médicos americanos (Sabine et al., 2008) face aos pacientes afroamericanos, assim como baixo favoritismo cultural face aos negros, judeus e asiáticos numa outra amostra sempre de participantes americanos (Rudman & Ashmore, 2007). Na mesma linha de investigação, os professores Cícero Roberto Pereira e Jorge Vala (Vala et al., 2012) descobriram um fenómeno que definiram como *Intergroup Time Bias*. Nesse estudo demonstrou-se que numa tarefa onde os participantes brancos deviam formar impressões acerca de pessoas brancas e negras, o tempo investido para formar impressões acerca de pessoas negras era menor que o tempo investido para formar impressões acerca de pessoas brancas. Isso sugere que, inconscientemente, os negros são julgados como menos diferenciados e mais parecidos entre eles, diferentemente do endogrupo branco que é considerado como “mais diferenciado” e também porque os estereótipos acerca dos negros são mais acessíveis, traduzindo-se numa rápida categorização.

2.8 Racismo e modernidade

Retornando ao contributo da sociologia, em época mais recente esta tem-se focado na ligação entre racismo e modernidade. Para Alberto Burgio (2020) o racismo é uma doença congénita da modernidade e da nossa civilização. Segundo o autor, o racismo é o espelho das contradições da modernidade e das divergências entre o que teorizou e o que ocorreu na realidade, entre o plano estrutural dos processos materiais de desenvolvimento e reprodução económica e social (causa de desigualdades, violência, exploração) e o plano intelectual e dos valores de uma cultura que paralelamente promulgava os princípios de liberdade e igualdade dos seres humanos. Para tolerar o peso desta evidente contradição era necessária uma justificação, uma ideologia, para conciliar o plano dos valores da modernidade com a liberdade da burguesia de iniciativa privada, de apropriação, de imposição e subordinação do outro. Em termos freudo-marxistas, o racismo constituiria a falsa consciência do mundo Ocidental, seria nada mais do que um processo de racionalização, um mecanismo inconsciente de defesa que permite aceitar, no plano internacional, a corrida imperialista

do Ocidente à conquista colonial. O alvo principal de racismo são os imigrantes, aquelas vidas desperdiçadas que, para Baumann (2019), a modernidade vomita como produto inevitável e rejeição da globalização. A globalização, como indica na *Solidão do Cidadão Global* (2014), comporta incerteza, liquidez, precariedade, pelas suas “políticas económicas da incerteza”. Tal incerteza traduz-se em angústia, angústia que os poderes não podem suprimir. O que podem fazer é canalizá-la em objetos ao seu alcance - refugiados, imigrantes, requerentes de asilo – alvo fixo deste excesso de angústia. Portanto, segundo o autor (Baumann, 2019), a modernidade produziria constantemente detritos humanos, mas, em ausência de descargas naturais para o próprio armazenamento e reciclagem, permanecem num limbo composto pela ausência de condições úteis a desempenhar no planeta (ocidental), sem perspectiva de assimilação. Acabam, em última análise, por constituir, nesta fase histórica, aquele exército de mão de obra de reserva disponível para ser explorado à primeira oportunidade, mas sempre continuando a pertencer ao grande caldeirão de absolutos outsiders (Baumann, 2019), que Franz Fanon definiria como os condenados da terra.

Por fim, é importante sublinhar que o racismo e a sua legitimação não prejudicam unicamente a sua população alvo, mas se repercutem sobre cada um de nós tanto no plano estrutural que superestrutural. Para muitos filósofos marxistas, o racismo teria como objectivo desviar a luta de classe, para que seja horizontal (entre autóctones e imigrantes) e não vertical (contra as classes dominantes). Outra análise muito interessante é feita por Austin e Bowser (2021) no texto *Impacts of Racism on White Americans In the Age of Trump*, indicando que também os americanos brancos pagam um preço pela existência do racismo. Por exemplo, os brancos ganham salários menores em economias racistas que em economias anti-racistas, pagam mais para o alojamento em comunidades onde existe segregação e dispõem de um serviço de saúde menos eficaz. Ainda, tanto mais os empregadores contratam trabalhadores sem documentação, mais o custo do trabalho desce.

Num outro plano de análise, cada ideologia que discrimina e hierarquiza ameaça o pleno desenvolvimento das energias afetivas e relacionais existentes no ser humano, e então da coletividade onde vive, sendo que a felicidade do homem depende da solidariedade com os outros (Fromm, 1947). Como as outras ideologias deste género, o racismo afasta-nos sempre mais daquela solidariedade orgânica (Durkheim, 1971), humanismo socialista (Fromm, 2018) que podem ser o único ponto de partida para a plena realização da humanidade. Alberto Burgio (2020), neste sentido, afirma que o racismo é um sistema ideológico de justificação e racionalização da violência. Este mecanismo é como um vírus (Vala, 2021) mutável e adaptável a diferentes contextos, aos quais aplica o mesmo tipo de práticas. Segundo Burgio, o sistema lógico do racismo tem sido a arma nas mãos da burguesia no conflito social que conduziu à racialização da classe trabalhadora; o mesmo aconteceu com as

mulheres, com os pobres e outras categorias de marginalizados que não se encaixam na ordem existente. Como no caso dos anormais dos quais fala Foucault (2000). Sublinha Burgio, a mesma sorte que hoje toca em quem ocupa o último degrau da escala social. Quem antes eram os operários das fábricas, são agora os imigrantes que se aproximam às portas do mundo ocidental, os novos escravos do capitalismo globalizado contemporâneo, aquelas vidas que Bauman define como vidas desperdiçadas.

3. Caracterização da entidade acolhedora

3.1 O Conselho Português para os refugiados

Dentro de todas as instituições que se ocupam das questões de asilo e dos refugiados, destaca-se no panorama português o Conselho Português para os Refugiados (CPR). O CPR é parceiro operacional do Alto Comissariado das Nações Unidas em Portugal com o qual mantém um protocolo de cooperação desde 1993 e, desde 1998, o representa em Portugal, devido ao seu encerramento. (CPR, 2022). É uma Organização Não Governamental para o desenvolvimento (ONGD), sem fins lucrativos, com o objectivo de dar proteção jurídica e social aos requerentes de asilo e aos refugiados, acompanhando os pedidos de asilo e tutelando os requerentes ao longo deste processo. Destaca-se que é uma entidade que atua em colaboração com o Estado Português.

No panorama europeu, o CPR é igualmente membro da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR), com o objetivo de representar as associações de direitos humanos e é também membro do Conselho Europeu para os Refugiados e Exilados (CERE), da Rede Legal Europeia de Asilo (ELENA) e da Rede de Programa Europeu para as Crianças Separadas (SCEP). Quanto ao contexto Português, salienta-se que, em 2012, o CPR assina um protocolo com o Serviço Estrangeiros e Fronteiras (SEF) para financiar projetos de Acolhimento e Reinstalação em 2012 e 2013, e, em 2014, assina um segundo acordo de cooperação com o SEF para a proteção dos requerentes de asilo.

Como indicado no seu relatório de gestão 2020, o CPR pretende promover o acolhimento dos requerentes de asilo através de estruturas específicas: o Centro de Acolhimento para Refugiados (CAR) 1 na Bobadela para acolhimento de requerentes, o CAR 2 em São João da Talha para refugiados reinstalados, e a Casa de Acolhimento para Crianças Refugiadas (CACR) em Lisboa para o acolhimento de crianças não acompanhadas requerentes e refugiadas. Dos vários trabalhos realizados pelo CPR, deve ser mencionado o Gabinete de Inserção Profissional, que visa a integração da população refugiada, imigrante e que mora nas freguesias da Bobadela e São João da Talha. Ainda, o CPR administra o “Espaço A Criança” – berçário, creche e jardim de Infância – para crianças (autóctones e não-autóctones) dos 4 meses aos 5 anos.

O CAR 1, lugar onde desenvolvi o meu estágio, tutela não só as necessidades de primeira ordem dos utentes, como alojamento e alimentação, mas fornece também assistência médica, psicológica, jurídica, social, apoio à procura de emprego, cursos de língua portuguesa, acesso gratuito à plataforma certificada *e-learning* Coursera, ocupação do tempo livre, e ainda sensibilização face aos próprios direitos e deveres no novo contexto português. Adicionalmente, tem como objetivo a promoção de trocas de informações sobre as diferentes culturas presentes no Centro, através do desenvolvimento de encontros multiculturais. O CAR 1 dispõe de espaços de convívio, uma cozinha comum, uma lavandaria, um banco de roupa e um armazém, uma biblioteca e mediateca para as crianças, salas de formação, computadores, um auditório, uma horta comunitária e um complexo polidesportivo.

O CPR e o trabalho desempenhado, como indicado no relatório de gestão 2020, é proveniente de projetos e acordos de cooperação com:

- Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados;
- Ministério da Administração Interna;
- Ministério da Presidência;
- Instituto de Segurança Social;
- Instituto de Emprego e Formação Profissional;
- Câmaras Municipais de Lisboa, Loures e Amadora.

3.2 Áreas de intervenção do CPR

O trabalho realizado pelo CPR abrange não só o prestar apoio em todas as fases do procedimento de asilo, mas pretende também acolher e integrar a população refugiada e requerente de asilo, proporcionando apoio e serviços que se adequam às necessidades de utentes diferentes.

Começando pelo trabalho desenvolvido em relação ao acolhimento das famílias, a creche e jardim de infância “ Espaço A Criança “, situada na Bobadela, quer proporcionar um espaço de socialização para as crianças refugiadas realizando atividades pontuais como festas, atividades ao ar livre e de convívio, num clima de segurança afetiva e física.

Quanto à população adulta, o CPR proporciona, mediante atendimentos individuais, apoio jurídico, social e psicológico, e desenvolve trabalhos socioculturais de grupo, através do desporto, cursos de formação e encontros multiculturais, que permitem um melhor conhecimento da realidade portuguesa e europeia, das diferentes tradições e *modus vivendi*, para que as pessoas consigam adaptar-se e integrar-se numa realidade totalmente nova.

Em relação aos menores não acompanhados, o Centro de Acolhimento para Crianças Refugiadas (CACR) tem como finalidade proceder ao acolhimento especializado de crianças e jovens menores de 18 anos, tanto no processo de asilo como na definição de um projeto de vida digno para o futuro, que valorize as competências e potencialidades de cada beneficiário.

Para uma integração eficiente dos requerentes não se pode prescindir do conhecimento da língua do país de acolhimento. A maioria dos requerentes, por ter origem noutros continentes, pode enfrentar grandes dificuldades quanto à aprendizagem da língua portuguesa. Por esta razão, uma das primeiras respostas do CPR é proporcionar cursos de português, graças ao apoio de técnicos competentes.

A partir do ano 2001, o CPR dispõe de um Serviço de Emprego e Formação Profissional destinado aos requerentes e refugiados. Tal serviço pretende facilitar a formação escolar, fornecendo acesso gratuito a plataformas de estudo *e-learning* certificadas, ajudando no reconhecimento de títulos de estudo estrangeiros. Ademais, facilitando o acesso ao mundo laboral através do Gabinete de Inserção Profissional (GIP), que trabalha em colaboração com o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e visa apoiar também a comunidade local. O GIP atua colocando em contacto os utentes (requerentes de asilo, beneficiários de proteção internacional, refugiados, jovens à procura do primeiro emprego, desempregados) em condição de desemprego com diferentes entidades empregadoras, e também acompanhando o processo de inserção no mercado de trabalho, criação do Curriculum Vitae, melhoria e potenciamento das competências propostas no mundo laboral, reconhecimento e equivalência de precedentes percursos de estudo para que os requerentes de asilo possam conseguir dar continuidade aos estudos e formação realizada anteriormente.

Por fim, merece ser ressaltada mais uma vez a complexa e extensa arquitetura do CPR para que seja cumprida a sua missão de acolhimento e apoio aos requerentes de proteção internacional e refugiados, promovendo o direito de asilo em Portugal. Acolhimento que não é só centrado nas

necessidades materiais, mas que abrange também a saúde mental e a plena integração no novo contexto português.

4. Descrição das atividades desenvolvidas

Com a realização do estágio curricular, tive a possibilidade de dar a minha contribuição para o trabalho que realiza o CAR 1 do CPR, localizado na Rua Nossa Senhora da Conceição nº20, na Bobadela. Ao longo dos 10 meses de estágio, participei no trabalho quotidiano realizado pela equipa e ajudei a dar uma resposta mais significativa face aos pedidos e necessidades mostradas pelos utentes do Centro. Mais concretamente, o meu contributo centrou-se nos seguintes âmbitos: fornecimento de roupa, alimentos, apoio para a habitação e emprego, com particular foco na saúde mental e integração dos utentes num contexto totalmente novo. Contribuí também na realização de atividades de expressão artística e liderei sessões semanais de *mindfulness*. Além disso, realizei traduções para italiano com o objectivo de facilitar a comunicação entre os utentes e a instituição de acolhimento. Nomeadamente, traduzi o regulamento inteiro do CAR para o italiano, para que as pessoas que dominam esta língua pudessem conhecer as regras do convívio quotidiano, os horários dos espaços como a lavandaria, biblioteca e cozinha comunitária. Dei também a minha ajuda como tradutor de italiano quando os requerentes de asilo tinham um atendimento marcado com os advogados e/ou assistentes sociais do CAR, e traduzi para o italiano e também para o espanhol alguns documentos relativos ao seu processo de regularização jurídica. Não menos importante, planeei e realizei atividades para o bem-estar dos utentes, assim como participei noutras atividades já anteriormente organizadas no CAR, que me permitiram um contacto mais próximo com os requerentes. Este contacto e proximidade tem sido sem dúvida a melhor parte do meu ano académico. Como atividades mais importantes salientam-se os encontros multiculturais e os grupos psicossociais. Ambas as atividades são organizadas semanalmente pelo CPR, e foi-me pedido para liderar estes grupos. No encontro multicultural os requerentes de asilo têm oportunidade de conhecer as culturas dos outros requerentes do CAR 1, retirando aproveitamento da grande multiculturalidade que o CPR lhes proporciona. O grupo psicossocial é um importante espaço de partilha sobre as próprias dificuldades, num ambiente protegido. Ainda, quanto à discriminação racial, foi difícil e desafiante organizar atividades que pudessem dar ferramentas aos requerentes do CAR para lidar com isso, pelo facto de que muitos acabam de chegar à Europa e não terem vivido nem sofrido nenhum episódio de racismo, e também porque uma atividade deste tipo tocava em um ponto de grande vulnerabilidade, pelo que precisa de ser gerido com grande cuidado. Contudo, na segunda parte do estágio foi possível realizar uma atividade sobre o tema da discriminação racial, que incluiu unicamente requerentes numa menor posição de vulnerabilidade, por terem pertencido, por exemplo, a associações de direitos humanos ou de direitos de afrodescendentes, em outros contextos, antes de vir para Portugal.

Figura 1 – Centro de Acolhimento para Refugiados 1. Fonte : Autor



Atividade: Apoio no Banco Alimentar e Banco de Roupas	Objetivos: ofereci o meu contributo levando os requerentes para o banco de roupa cada vez que precisassem, e ajudando-os a encontrar a roupa que precisassem no stock. Contribuí também na organização do banco alimentar, contando os bens doados semanalmente e ajudando na sua distribuição na cozinha comunitária. Foi-me pedido por parte do CPR para contribuir na realização de tal	Descrição: todas as semanas são doados ao CAR bens alimentares por diferentes cadeias comerciais e outras instituições, e depois distribuídos aos requerentes de asilo. Tal distribuição ocorre através do trabalho conjunto de de estagiários, requerentes de asilo voluntários e outros elementos da equipa. Nos mesmos espaços onde se encontra o banco alimentar, o CAR dispõe de um banco de roupa para os requentes de asilo, serviço do qual podem usufruir quando está presente o
---	--	---

	serviço para os requerentes de asilo.	técnico competente, consoante marcação prévia na receção. A roupa que o CAR disponibiliza é doada principalmente pela comunidade local, ou outros parceiros do CPR.
--	---------------------------------------	---

Figura 2 – Stock do Banco Alimentar. Fonte : Autor



Nos mesmos espaços onde se encontra o banco alimentar, o CAR dispõe de um banco de roupa para os requentes de asilo, serviço do qual podem usufruir quando está presente o técnico

competente, consoante marcação prévia na receção. A roupa que o CAR disponibiliza é doada principalmente pela comunidade local ou outros parceiros do CPR.



Atividade: Apoio na procura de habitação e emprego	Objetivos: é crucial proceder na procura de habitação para a integração na sociedade dos requerentes de asilo. O objetivo do meu apoio nesta atividade na qual o CPR pediu o meu contributo foi fazer com que os requerentes pudessem desenvolver a própria vida em autonomia, e cortar o cordão umbilical com o CPR.	Descrição: um dos trabalhos desenvolvidos pelo CPR prende-se com a procura de habitação e emprego para os requerentes cuja resposta por parte do SEF tem sido positiva. Atuei como intermediário entre os utentes do CAR I e diferentes entidades empregadoras através de telefonemas que pedissem o esclarecimento de informações quanto às condições que as
---	--	--

		empresas que se ofereceram ao CPR como empregadoras ofereciam, para depois comunicá-las aos técnicos do Gabinete de Apoio Profissional. Expliquei igualmente aos requerentes como funciona a procura através da internet, assim que possam adquirir esta competência. Utilizando os computadores da biblioteca do CAR, mostrei o funcionamento de plataforma como bquarto, olx e outras, para que pudessem realizar esta procura de forma autónoma, e não só com o nosso apoio. Efetuei ainda telefonemas para perguntar se os quartos anunciados estavam disponíveis, quando o requerente de asilo não falava corretamente português ou inglês.
Atividade: Inscrição à Plataforma Coursera	Objetivos: Os certificados fornecidos pela plataforma Coursera são reconhecidos no mercado laboral, e o CPR pediu-me para dar o meu contributo neste caso, uma vez que podem constituir uma mais	Descrição: O Conselho Português para os refugiados tem parceria com a plataforma certificada Coursera, uma das plataformas de <i>e-learning</i> mais utilizadas e conhecidas no mundo, fornecendo aos utentes

	valia para o Curriculum Vitae e a procura de emprego.	acesso gratuito aos cursos e, sobretudo, acesso às relativas certificações, preciosas para o enriquecimento do próprio Curriculum Vitae. Os cursos que o Coursera propõe é igual à escolha de cursos que fornece uma Universidade, propiciando um grande leque de oportunidades. A minha tarefa foi sensibilizar os utentes para a existência de tal oportunidade e apoiá-los na realização destes cursos. Como estes cursos são realizados online, assisti à realização destes cursos na biblioteca comunitária do CAR, ajudando o requerentes quanto ao processo de inscrição e cadastro na plataforma, obtenção do certificado final, e realização das aulas e tarefas que o curso pede para a emissão do certificado final.
Atividade: Inscrição na Plataforma Speak	Objetivos: fazer com que os requerentes de asilo do CPR possam beneficiar de cursos de língua portuguesa de forma gratuita para a sua integração em Portugal.	Descrição: o Speak Social Language é uma plataforma que visa oferecer cursos de língua aos não nativos, em diferentes países europeus, com o objetivo de melhorar o seu processo de integração

		social. Sendo, no momento de realização do estágio, embaixador oficial do Speak, ofereci-me como elo de ligação para poder fazer participar, de forma gratuita, alguns dos requerentes do CAR I do CPR em cursos de língua portuguesa. Nomeadamente, quando um dos requerentes de asilo manifestou interesse nesta oportunidade, entrei em contacto com os responsáveis da Plataforma Speak em Lisboa, para que o requerente de asilo do CPR pudesse usufruir de uma inscrição de forma gratuita.
Atividade: Workshop Culinária Italiana	Objetivos: Esta atividade tinha como objetivo ser um momento de partilha com os requerentes de asilo do Centro e de fortalecimento dos laços criados entre os estagiários e os utentes do Centro.	Descrição: ao longo do estágio, foi-me pedido por parte da diretora do CAR I que realizasse um workshop de culinária italiana para os requerentes de asilo do Centro. Com o apoio de uma outra colega italiana, comprámos produtos típicos italianos e cozinhamo-los juntamente com os requerentes do Centro.

--	--	--

Figura 3 – Workshop Culinária Italiana. Fonte : Autor



Atividade: Inscrição n o Programa Heroic Imagination Project	Objetivos: Partindo desse pressuposto, o Heroic Imagination Project (HIP) visa treinar as pessoas a agir de forma mais heroica, e a aumentar a sua capacidade de resistir a pressões ambientais. A partir de 2010, o HIP tem conduzido programas de treino para	Descrição: O Programa <i>Heroic Imagination Project</i> (HIP) (https://www.heroicimagination.org/), criado pelo Professor Philip Zimbardo, nasce como programa educacional, após a famosa experiência de psicologia da prisão de Stanford. Os resultados desta experiência, assim como os estudos sobre a obediência de Stanley
--	---	--

	contextos académicos, universitários e laborais nos Estados Unidos e, mais recentemente, em outros países na Europa assim como outros lugares do mundo. Quer se fale de violência, discriminação, <i>bullying</i>, o HIP tem como objetivo ensinar diferentes habilidades para indivíduos ou grupos que queiram agir de forma heroica no próprio dia a dia. Em Itália, a ONLUS Giocherenda, partner do HIP, tornou os requerentes de asilo que ajuda formadores oficiais deste projeto, incluindo-os em várias ações de sensibilização em diferentes escolas na cidade de Palermo. Tal iniciativa assenta na ideia de que os refugiados, pela resiliência que o seu passado os obrigou a desenvolver, tenham particulares habilidades e sensibilidade para encarnar os valores que o HIP defende. Pessoalmente, como <i>partner</i> oficial do Heroic Imagination Project,	Milgram e Solomon Asch, mostraram o lado banal da maldade humana, e que ninguém é invulnerável à possibilidade de ser influenciado pelas pressões do ambiente em que se insere. No mesmo sentido, deve-se ter em consideração também que o seu contrário, o heroísmo, é banal, como indicado por Zeno Franco e Philip Zimbardo (2007), e que não é necessário possuir características especiais para agir de forma heroica e ajudar as pessoas em dificuldades no dia-a-dia. Zimbardo defende o conceito de herói no seu projeto Heroic Imagination Project (HIP), onde visa banalizar o ‘bem’, promovendo o herói latente em todos nós. Defendendo a ideia de que cada um de nós pode cometer atos heroicos no seu dia-a-dia, Philip Zimbardo propõe o conceito de imaginação heroica (Heroic Imagination) (Blau, Franco & Zimbardo, 2009), que descreve como atitudes direcionadas a padronizar comportamentos de ajuda, que podem ir desde ações menores, como a simples compaixão e empatia, até decidir intervir quando existe um risco pessoal a favor de quem esteja em dificuldades. Este conceito quer sublinhar o facto de que qualquer ser
--	---	---

	inspirei-me no trabalho desenvolvido pela ONLUS Giocherenda com os requerentes de asilo em Itália, e quis replicar o mesmo aqui em Lisboa, conseguindo fazer aceder, de forma gratuita, alguns dos requerentes do CAR I do CPR ao curso de formação do Heroic Imagination Project, para futuramente serem também formadores oficiais deste projeto e dar o seu próprio contributo.	humano tem dentro de si a capacidade de realizar atos heroicos, e transcender o seu egocentrismo para o sociocentrismo. Para tal, os que assumem a imaginação heroica devem manter um estado de atenção para possíveis situações onde podem intervir para ajudar quem precisa (Franco, Blau & Zimbardo, 2011).
Atividade: Acolhimento Operacional (Anexo 1)	Objetivos: este momento é de grande importância sendo que podemos compreender e perguntar acerca do processo de adaptação à vida no CAR 1, questionar se existem eventuais problemas ou dificuldades para eventualmente comunicá-las ao departamento social e esclarecer dúvidas que o utente tenha acerca da sua estadia no CAR.	Descrição: disponibilizei-me para oferecer o meu contributo quanto à realização do acolhimento operacional com cada requerente que chegasse ao CAR I, trabalho que normalmente é realizado por voluntários e estagiários. O acolhimento operacional consiste num primeiro contacto com o requerente, para permitir o conhecimento do Centro, das regras, dos espaços e das atividades realizadas. Assim sendo, responsabilizei-me por desenvolver este primeiro momento de encontro mostrando os espaços do Centro, e

		explicando as regras de funcionamento dos vários serviços.
Atividade: Tea Time	Objetivos: Tal atividade visa proporcionar aos utentes um momento de socialização e conhecimento mútuo.	Descrição: A atividade do Tea Time é uma atividade que o CPR realiza semanalmente com o objectivo de promover a socialização entre os novos utentes do centro e os novos que entram. É uma atividade livre, onde, tomando um chá com os utentes que participam na atividade, lhes é deixado espaço para falar sobre as próprias dúvidas e ter um espaço de “descanso” que permita o conhecimento dos outros utentes. Foi-me pedido pelo CAR 1 de realizar estes encontros nas sextas feiras à tarde.
Atividade: Workshops Movimento de Expressão Fotográfica	Objectivos: O objectivos destas aulas foi proporcionar aos requerentes de asilo cohecimento acerca dos principais pintores da cultura portuguesa e as suas obras.	Descrição: O Movimento de Expressão Fotográfica (MEF) é uma associação sem fins lucrativos que trabalha na área da imagem, com foco na área da fotografia, com o objectivo de promover para o grande público o gosto pela fotografia. Como indicado na página web do MEF, o objectivo é fornecer formação aos públicos que podem ver comprometido o acesso a oportunidades educacionais, pretendendo-se que todos os cidadãos

		disponham das mesmas oportunidades quanto ao acesso à fotografia e desenvolvimento de projetos criativos. Assim, nos meses de setembro e novembro de 2021, e maio de 2022, o MEF disponibilizou-se para trabalhar com o CPR e oferecer aos requerentes acesso a um conjunto de aulas sobre fotografia através da colaboração dos estagiários na organização do evento e promoção da adesão dos requerentes. A minha tarefa foi ajudar os docentes do MEF na organização das atividades, divulgar o evento no CPR, presenciar as aulas dadas pelos docentes do MEF sobre fotografia e ajudar na organização das salas e tradução para inglês dos conteúdos lecionados. Foi-me pedido por parte do CAR 1 para dar o meu apoio ao MEF na realização das aulas.
Atividade: Desporto	Objectivos: esta atividade tem como objectivo promover as amizades entre os requerentes, bem como a sua saúde mental, oferecendo um momento de lazer e alívio do stress.	Descrição: normalmente, às sextas feiras, o CPR realizava a atividade do desporto ao ar livre, onde, num espaço do CPR exterior à estrutura, os requerentes podiam jogar futebol e basquetebol. O CPR pediu-me para divulgar no CAR 1 esta atividade e liderar a organização dos jogos de futebol e basquete.

Atividade: Encontros Multiculturais	Objetivos: O Encontro Multicultural procura ser um momento de intimidade e partilha entre os requerentes do CPR. É um momento de conhecimento mútuo, mas configura-se também como uma oportunidade para que os utentes do Centro possam conhecer as culturas dos seus colegas e aproveitar ainda mais o ambiente multicultural que o CPR proporciona. Pretende ser ainda um momento que promove o respeito e aceitação de outras culturas, sobretudo no que tem a ver com conteúdos mais delicados como, por exemplo, a religião, o papel da mulher, o direitos das minorias num determinado país.	Descrição: O Encontro Multicultural é um dos momentos mais enriquecedores para a equipa do CPR, pois permite mergulhar, como uma viagem de curta duração, no mundo e na cultura dos países de proveniência dos requerentes do CPR. Normalmente, é organizado pelo CPR todas as terças ou quartas feiras. A maioria dos participantes provém de países africanos ou do Médio Oriente, o que torna o encontro muito interessante para os membros da equipa que o organizam e gerem, uma vez que se trata de culturas muito diferentes das nossas. O que se pretende explorar são as culturas dos próprios países, a cultura portuguesa e europeia e as suas diferenças com as culturas dos lugares de proveniência dos requerentes. Assim, torna-se um espaço de partilha sobre as diferenças mais evidentes e desestabilizantes para os utentes recém-chegados na Europa. Nas mais debatidas ao longo do estágio, destacam-se as relações entre homem e mulher, questões de discriminação da comunidade LGBTQ e racismo, religião, alimentação, forma de vestir no dia a dia, relação entre religião e

		funcionamento do Estado Português, desafios que a imigração traz, estados de alma e estratégias de <i>coping</i>, situação política do país de origem e comparações com o contexto português, transição da época colonial para a época moderna e os regimes militares em África. O CPR pediu-me para promover e organizar tais encontros, liderando a roda de conversa feita normalmente. Em tais encontros deixa-se a cada um dos participantes a possibilidade de expressar-se e partilhar as suas ideias acerca do tema debatido. No final, cada um dos participantes pode fazer ao outro perguntas mais específicas sobre o que expressou, se o desejar. No fim de cada encontro, a minha tarefa foi escrever um relatório sobre o decurso da atividade e os argumentos debatidos, para que seja colocado no servidor do CAR.
--	--	--

Figura 4 – Encontro Multicultural. Fonte : Autor



Atividade: Sessões de cinema	Objetivos: esta oportunidade tornou-se um ótimo momento de partilha, fortalecimento de laços entre os requerentes e	Descrição: aproveitando o amplo auditório do qual o CAR dispõe, realizei com os outros estagiários algumas sessões de
-------------------------------------	--	--

	sobretudo uma oportunidade para refletir sobre os próprios sofrimentos e dificuldades vividas. O debate que se segue a cada filme tem sido uma possibilidade de elaboração e partilha do que é ser imigrantes e as dificuldades que comporta.	cinema onde assistimos, juntamente com os requerentes de asilo, a alguns filmes sobre histórias de refugiados e imigrantes, assim como de pessoas relevantes na área dos direitos humanos. Cada filme tem como denominador comum a questão fundamental de como tais pessoas conseguiram dar um sentido às próprias experiências de sofrimento.
Atividade: Mindfulness	Objetivos: A <i>mindfulness</i> é uma prática de meditação com o objectivo de treinar a capacidade de nos focarmos no momento presente sem qualquer tipo de julgamento, com o objectivo de resolver o próprio sofrimento interior através da consciência dos pensamentos negativos que contribuem para o mal-estar emotivo. Uma ampla literatura mostra os seus benefícios não só em termos de saúde mental (Mandal et al., 2012; Kallapiran et al., 2015; Brown & Ryan, 2013), mas também em casos de patologias de tipo	Descrição: Devido às várias queixas de sofrimento, somatizações do stress, falta de sono e apetite, depressão, ansiedade, ataques de pânico, decidi colocar-me à disposição dos requerentes realizando semanalmente um programa de meditação <i>mindfulness</i>, após ter realizado um programa de formação em Portugal e, mais recentemente, outro em Itália. Por ser uma prática que não toca em pontos demasiado vulneráveis da pessoa (percurso que compete à psicóloga do CPR) e que permite um aproveitamento

	orgânico (Carnegie Mellon University, 2016).	ainda maior se for realizada em grupo, tal espaço semanal tornou-se para os requerentes uma possibilidade de amadurecer uma maior capacidade de entrar em contacto com o próprio eu e promover o bem-estar.
Atividade: Jogo das cartas	Objetivos: O objetivo desta atividade é ser um momento de socialização entre os requerentes de asilo do CPR, mas sobretudo promover a imaginação e a capacidade de dar sentido às próprias experiências.	Descrição: Decidi realizar tal atividade com inspiração no trabalho realizado pela Onlus “Giocherenda” e sua dedicação à integração de requerentes de asilo em Itália. Nesta atividade os requerentes sorteiam uma carta e têm de contar as próprias emoções sobre o conceito que se encontra na carta sorteada. Os conceitos são vários, como amor, trabalho, desafio, viagem, generosidade, família.
Atividade: Inquérito aos residentes do Centro de Acolhimento para Refugiados (Anexo 2)	Objetivos: Tais inquéritos, por serem feitos de forma anónima, permitem conhecer as opiniões sobre o funcionamento do CPR, e avaliar se o seu contributo tem tido repercussões positivas nos requerentes de asilo.	Descrição: Ao longo dos meses de Outubro e Novembro 2021, contribuí para a realização de inquéritos aos residentes do CAR 1 do CPR com o objectivo de conhecer a opinião sobre o CAR, com o objetivo de melhorar a intervenção que o CPR realiza.

		A minha tarefa foi aplicar tais questionarios aos residentes do CAR 1, para que depois as informações possam ser organizadas num servidor, e analisadas para a elaboração de dados, com o apoio dos outros estagiários e voluntários. Os inquérito são anónimos e confidenciais, o que os tornou um meio para conhecermos de forma mais correta o dia-a-dia dos residentes do Centro de Acolhimento. Nomeadamente, o que é pretendido conhecer é o grau de satisfação com o espaço e os equipamentos disponíveis, o grau de concordância com as regras do Centro, a satisfação com o serviço prestado pela equipa do Centro e permitir obter <i>feedback</i> sobre o funcionamento geral do CAR 1.	
Atividade: Psicossocial	Grupo	Objetivos: Este trabalho baseia-se na ideia que a partilha de momentos de dificuldade e conteúdos emocionais stressantes tem um forte valor catártico e também fortalece a	Descrição: O grupo psicossocial é um espaço de partilha semanal, onde os requerentes podem partilhar as emoções e dificuldades que sentem, num ambiente

	união e fraternização dos requerentes do CPR durante a própria estadia no Centro.	protegido. Os principais temas tratados são as dificuldades de espera de uma resposta sobre o êxito do processo de legalização em Portugal, distância da família, ansiedade, depressão, medo, culpabilidade. O CPR pediu-me para liderar os grupos semanalmente. É perguntado a cada um dos presentes como se sente, como tem sido a sua estadia no CPR e a adaptação à nova realidade portuguesa. Além disso, são realizados outros pequenos exercícios como dizer, numa escala de 0 até 10, como cada um se sente, e depois dizer o que seria preciso acontecer para subir um número. Este pequeno exercício ajuda a focalizar sobre objectivos a curto prazo. No fim de cada encontro, a minha tarefa foi escrever um relatório sobre o decurso da atividade e os argumentos debatidos, para que seja colocado no servidor do CAR.
--	--	--

Atividade: Gestão da utilização da biblioteca do CAR	Objetivos: disponibilizei-me para esta tarefa com o intuito de fazer com que os utentes do CAR 1 possam aproveitar o que a Biblioteca oferece.	Descrição: Ao longo deste ano de estágio disponibilizei-me para gerir o espaço da biblioteca do CAR, assim como o seu espaço infantil, caso as crianças quisessem utilizá-lo. Quando os requerentes manifestaram o seu interesse em utilizar os livros ou os computadores da biblioteca, tanto para interesses pessoais como para a realização dos cursos da Plataforma Coursera, forneci o meu apoio para que conhecessem todos os recursos que a biblioteca disponibiliza, como os seus livros de texto e os manuais para os cursos de português para diferentes níveis.
Atividade: Racismo e saúde mental	Objetivos: pensei que tal atividade seria útil por proporcionar um espaço de partilha protegido entre os requerentes do Centro, sobretudo para elaborar o sofrimento passado, num grupo formado por pessoas que têm passado pelas mesmas	Descrição: esta atividade pretendeu ser um momento de reflexão, partilha, e troca mútua de ferramentas para que os requerentes do CPR pudessem não só amadurecer um maior conhecimento acerca dos processos históricos que sustentam o racismo

	experiências. Esta atividade pretendeu ainda ser um momento enriquecedor também no que tem a ver com conhecimento teórico acerca do tema debatido e a melhor forma de lidar com o racismo na vida quotidiana.	contemporâneo, mas, sobretudo, para amadurecer instrumentos para lidar, futuramente, com experiências de discriminação. Os participantes nesta atividade foram avaliados pelo departamento social e a psicóloga do CPR, sendo que o objetivo era escolher quem fosse mais sensível a esta temática e que, sobretudo, não se encontrasse numa posição de vulnerabilidade ao dar o seu contributo e partilhar as suas ideias e convicções sobre este assunto. Num momento inicial foi-me dito pelo CAR que seria difícil realizar esta atividade, não só porque toca em pontos de grande vulnerabilidade, mas também porque a grande maioria dos utentes do Centro chega pela primeira vez em Portugal sem ter sofrido episódios de racismo. Apesar disso, na segunda parte do estágio foi-me dito que, com um grupo selecionado de requerentes de asilo, seria possível desenvolver esta atividade, uma vez que todos eles tinham ou já vivido em outros países antes de chegar
--	--	---

		em Portugal, encarando episódios de racismo, ou tinham sido parte de associações que promovem os direitos humanos. Ainda assim, antes de realizar esta atividade, falei pessoalmente com cada um dos participantes, para ter a certeza de que se sentiam à vontade a falar sobre este assunto e tinham o desejo de participar. Ao começar a atividade propus aos requerentes de asilo presentes que partilhassem o próprio conhecimento e considerações acerca deste tema, e que, a partir das ideias e temáticas que surgissem, cada um pudesse intervir e propor novas ligações com os assuntos a serem debatidos. Só depois de os requerentes se abrirem e conseguirem criar um ambiente mais íntimo e protegido foi possível, no final do encontro, refletir sobre questões mais pessoais. Quando a atividade começa digo aos participantes que quem quiser pode tomar a palavra e partilhar as suas
--	--	---

		ideias e considerações sobre este tema, através do ângulo de leitura que preferisse. Isto permitiu que cada participante pudesse contar a própria experiência de envolvimento em movimentos antirracistas ou de apoio aos direitos humanos. Este encontro pretendeu ser um momento catártico onde num ambiente protegido e seguro os participantes pudessem partilhar os próprios sofrimentos ou simplesmente os próprios conhecimentos acerca do tema. Após cada participante ter partilhado as suas experiências acerca deste tema, propus que discutissemos a teoria do Prof. Sílvio Almeida sobre o racismo estrutural. As suas considerações levaram-nos a refletir sobre o facto de que os imigrantes em contexto europeu podem manifestar preconceito, mas não ser racistas. Este tem sido um ponto importante para desconstruir um dos discursos dominantes que dizem que os imigrantes são também
--	--	--

		racistas. Segundo o autor, só quem está nas posições de poder pode manifestar racismo, que para o autor corresponde à exclusão. Os imigrantes não poderiam ser racistas porque não têm o poder de excluir. Os participantes têm concordado, sobretudo um, que já viveu muito tempo no Brasil e conhece as teorias de Silvio Almeida. Este participante afirmou que o racismo não só é estrutural, mas é também cultural. Contou como, quando viveu no Brasil, sofreu vários episódios de racismo, por causa da cor da sua pele. O racismo estrutural, no ponto de vista dele, é só um dos tipos de racismo existentes. O racismo é reproduzido pelos media, escolas, hospitais, e sim também pelas classes dominantes, mas não só. Conta também como no continente africano (o seu continente de origem) não existe na opinião dele propriamente racismo, mas tribalismo, com o objetivo de preservar os próprios valores.
--	--	---

		Outro participante, também de origem africana, indicou estar de acordo, afirmando não saber o que era o racismo até ter começado a viver na Ucrânia. Conta como nos anos que passou ali recebeu várias humilhações no local de trabalho e teve de aprender a resistir. Outro ponto que propus foi que o racismo nasce como ideologia legitimadora durante os anos coloniais para justificar o colonialismo e que, portanto, no nosso contexto europeu, nos vem ensinando a pensar através da categoria “raça”, que, de facto, não existe. Portanto, é sugerido aos participantes não personalizar os episódios acontecidos no próprio passado, mas pensar que nas nossas narrativas europeias as representações sociais acerca de quem vem de países colonizados asentam em estereótipos negativos, criados no passado com um objetivo preciso, que é justificar na opinião pública o colonialismo, como, por exemplo, durante a ditadura Salazarista, a qual
--	--	---

		apregoava a manutenção das colónias portuguesas em África. Outra consideração que proponho é que o racismo não toca só os imigrantes (o seu alvo principal), mas tem outra função ainda mais importante: fazer com que a luta de classes seja sempre horizontal (autóctones vs. imigrantes) e nunca vertical (oprimidos, autóctones ou não, vs. opressores). Aqui os participantes têm também manifestado a sua concordância, tendo consciência de serem muitas vezes um bode expiatório. No final da atividade, é perguntado aos participantes como reagiram no passado aos momentos de discriminação que têm vivido e como sugerem, para os outros participantes, reagir a quem os vivencia pela primeira vez. Dentro das considerações que fizeram, salienta-se que é o conhecimento tanto de si mesmo, como dos próprios direitos, que pode ajudar a enfrentar episódios racistas.
--	--	--

		As considerações feitas pelos participantes remetem muito para o que a literatura já mostra, ou seja, que a autoestima, assim como o conhecimento da história, o conhecimento dos próprios direitos num país estrangeiro, são fatores de proteção para a saúde mental dos imigrantes (Macedo et al., 2019; LaVeist et al., 2001; David et al., 2019).
--	--	--

5. Considerações finais

O balanço do estágio foi francamente positivo. Esta constituiu a melhor experiência profissional até agora, em particular do ponto de vista humano. Tive quase sempre a sensação de ir trabalhar e não recordar o que é o cansaço, ao voltar a casa. Pude aprender o que acontece noutros lugares do mundo, o que significa vulnerabilidade e sentir a dor de quem arrisca a sua vida e se encontra privado de qualquer laço humano na solidão e desconforto absoluto. Principalmente, pude compreender muito mais acerca do significado da vida e que o ser humano pode tolerar coisas que a nossa imaginação não poderia conceber, graças ao que me contaram os utentes do Centro. Quanto ao meu contributo para o CPR, sinto que estive sempre disponível na resolução de qualquer emergência (conflitos, banco de roupa e alimentar, apoio psicológico) assim como ter demonstrado capacidade de adaptação a qualquer tipo de pedido que me foi feito, dando apoio ao CPR em todos os seus departamentos. O aspecto para o qual mais contribuí foi no apoio psicossocial aos requerentes de asilo, sobretudo através do grupo psicossocial e multicultural, sessões de *mindfulness*, atividades de grupo, e ainda atividades de reflexão sobre a condição dos imigrantes e sobre o racismo.

Aprendi muito acerca dos fenómenos migratórios contemporâneos e de todos os obstáculos que os imigrantes encontram para, juridicamente, conseguir ter os mesmos direitos da população autóctone. Aprendi também o que é o cansaço e o sentimento de solidão de quem dedica a sua vida a esta missão, sabendo que o sistema não facilita tudo isso, e que cada dia se apresentam obstáculos que devem ser ultrapassados.

Além disso, lidar com as pessoas tem sido sempre um desafio motivador para mim, nomeadamente em contextos com pessoas que estão em risco e numa situação de fragilidade. Neste aspecto, sinto necessidade de agradecer à maioria dos requerentes de asilo que partilharam este ano comigo, pelo grande afeto e carinho que recebi. Sobretudo, devo mencionar que uma das coisas que nunca esquecerei são alguns requerentes que me emocionaram particularmente, pela grande empatia demonstrada face aos outros, pela liderança e pela resiliência. Quero mencionar Karim, Fabrice, Djibi, Usman, Filipe, pelo que pude aprender convosco e pela vossa capacidade de transformar o vosso sofrimento em algo de positivo e num benefício para os outros.

A literatura mostra alguns casos nos quais os refugiados conseguiram simbolizar o próprio sofrimento e usá-lo como fator identitário. Nomeadamente, o caso do povo palestino (Khalili, 2007) é muito interessante, sendo que o sofrimento passado (e presente) vem invocado como componente constitutiva da própria identidade e das próprias reivindicações políticas. O povo

palestiniano construiu uma narrativa da própria história como heróica, baseada no humanitarismo em vez de na vitimização. Noronha (2004) mostra outro caso parecido com os refugiados da Eritreia no Sudão, e de como formaram a própria identidade como pessoas exiliadas de um país em transição. Estas narrativas são de extrema importância para pensarmos em apoiar da melhor maneira a população requerente de asilo do CPR, e dar um sentido aos sofrimentos que experienciaram.

Uma das principais coisas que aprendi é aceitar a impossibilidade de poder garantir a 100% as condições materiais necessárias para uma vida digna aos requerentes do Centro, sobretudo pensando no que o mercado de trabalho proporciona para a população imigrante. Vários estudos (Steel & Silove, 2001; Haas, 2017) mostram o stress e o impacto na saúde mental dos requerentes de asilo que chegam aos países do mundo ocidental. Mesmo assim, a tarefa de quem escolhe esta missão é ultrapassar esta barreira, às vezes esmagadora, tutelando a saúde mental dos requerentes de asilo e trabalhando para que consigam dar um sentido às suas experiências e sofrimento, sentindo que pertencem a uma família e que para alguém, neste novo mundo, não são vidas desperdiçadas. E ainda, recordando que um ser humano, quando é amado, se salvará sempre.

Finalmente, é importante por mim deixar aqui escrito que me senti sempre apoiado por todos os membros da equipa, em particular em determinados momentos difíceis deste percurso. Agradeço mais uma vez à Teresa, Rita e Filipa pela dedicação à minha formação, ao apoio do departamento social e de emprego, e ao Pedro pela sua simpatia, alegria e disponibilidade.

6. Referências Bibliográficas

Almeida, S. (2018). O que é o racismo estrutural ?. Belo Horizonte, Letramento Editora

Ambrosini, M. (2005). *Sociologia delle migrazioni*. Il mulino.

American Psychological Association, 2021.
<https://www.apa.org/news/press/releases/2021/10/apology-systemic-racism>

Austin, D. W., & Bowser, B. P. (2021). Impacts of Racism on White Americans in the Age of Trump. In Impacts of Racism on White Americans In the Age of Trump. Springer Nature Switzerland, Cham.

Barker, Martin. (1981). The new racism. Londres: Junction Books

Blau, K., Franco, Z., & Zimbardo, P. (2009). Fostering the heroic imagination: An ancient ideal and modern vision. *Eye on Psi Chi*, 13(3), 18-21.

Baumann, Z. (2014). La solitudine del cittadino globale. Feltrinelli Editore. Milano

Baumann, Z. (2019). Vite di scarto. Laterza. Bari.

Bell, C. C., & Dunbar, E. (2012). Racism and pathological bias as a co-occurring problem in diagnosis and assessment. Oxford library of psychology. *The Oxford handbook of personality disorders*, 694-709.

Blumer, H. (1958). Race prejudice as a sense of group position. *Pacific sociological review*, 1(1), 3-7.

Brown, K. W., & Ryan, R. M. (2003). The benefits of being present: mindfulness and its role in psychological well-being. *Journal of personality and social psychology*, 84(4), 822.

Burgio, A. (2020) Critica della ragione razzista. DeriveApprodi Editore. Roma.

Carnegie Mellon University. (2016). Neurobiological changes explain how mindfulness meditation improves health. *ScienceDaily*. Retirado em April 24, 2022 de www.sciencedaily.com/releases/2016/02/160204121956.htm

Clair, M., & Denis, J. S. (2015). Racism, Sociology of. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 857–863.

Conselho Português para os Refugiados (2021). Retirado de: https://www.canva.com/design/DAE7DASigGo/zJG41wttoxV1C1nH7zIoBrA/view?utm_content=DAE7DASigGo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=viewer#5 no dia 04/07/2022

Conselho Português para os Refugiados (2022). Retirado de: <https://cpr.pt/> no dia 17/04/2022

Costa-Lopes, R., Vala, J., Pereira, C. R., & Aguiar, P. (2008). A construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais. *Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS*, 769-790.

David, E. J. R., Schroeder, T. M., & Fernandez, J. (2019). Internalized racism: A systematic review of the psychological literature on racism's most insidious consequence. *Journal of Social Issues*, 75(4), 1057-1086.

De Oliveira, C. R. (2021). Requerentes e Beneficiários de Proteção Internacional em Portugal: Relatório Estatístico do Asilo 2021. Observatório das Migrações, ACM, IP.

Duckitt, J., Wagner, C., Du Plessis, I., & Birum, I. (2002). The psychological bases of ideology and prejudice: Testing a dual process model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 75–93.

Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2010). Personality, ideology, prejudice, and politics: A dual-process motivational model. *Journal of Personality*, 78, 1861–1894.

Dunbar, E. (1997). The relationship of DSM diagnostic criteria and Gough's Prejudice Scale: exploring the clinical manifestations of the prejudiced personality. *Cultural Diversity and Mental Health*, 3(4), 247

Durkheim. E. (1971). *La divisione del lavoro sociale*. Edizioni di comunità. Milano

Ekehammar, B., Akrami, N., Gylje, M., & Zakrisson, I. (2004). What matters most to prejudice: Big five personality, social dominance orientation, or right-wing authoritarianism?. *European journal of Personality*, 18(6), 463-482.

- Faticenti, F. (2004). Diritto Di asilo e Dovere Di accoglienza. l'Ue Di fronte alla crisi migratoria. *ALCUNI MOMENTI DEL 60 CONVEGNO AIIG*, 9.
- Foucault, M. (2005). Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo, Martins Fontes Editora.
- Franco, Z.E., Blau, K. & Zimbardo, P.G. (2011). Heroism: a conceptual analysis and differentiation between heroic action and altruism. *Review of General Psychology*, 15(2), 99-113.
- Fromm, E. (1947). Dalla Parte dell'Uomo. Roma. Astrolabio
- Fromm, E. (2018). In difesa dell'uomo. Edizioni Ghibili. Milano
- Foucault, M. (2000). Gli anormali. Feltrinelli Editore. Milano.
- Goldberg, D. T. (2002), "Modernity, Race and Morality", in P. Essed & D. T. Goldberg (Eds.), *Race Critical Theories*. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 283-306
- Haas, B. M. (2017). Citizens-in-waiting, deportees-in-waiting: Power, temporality, and suffering in the US asylum system. *Ethos*, 45(1), 75-97.
- Heller, A. (1985). O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro. Paz e Terra Editora.
- Hodson, G., Hogg, S. M., & MacInnis, C. C. (2009). The role of "dark personalities"(narcissism, Machiavellianism, psychopathy), Big Five personality factors, and ideology in explaining prejudice. *Journal of Research in Personality*, 43(4), 686-690
- Hodson, G., & Dhont, K. (2015). The person-based nature of prejudice: Individual difference predictors of intergroup negativity. *European Review of Social Psychology*, 26(1), 1-42.
- Kallapiran, K., Koo, S., Kirubakaran, R., & Hancock, K. (2015). Effectiveness of mindfulness in improving mental health symptoms of children and adolescents: a meta-analysis. *Child and Adolescent Mental Health*, 20(4), 182-194.
- Khalili, L. (2007). Heroic and tragic pasts: Mnemonic narratives in the Palestinian refugee camps 1. *Critical Sociology*, 33(4), 731-759.

- LaVeist, T. A., Sellers, R., & Neighbors, H. W. (2001). Perceived racism and self and system blame attribution: consequences for longevity. *Ethnicity & disease*, 11(4), 711-721.
- Livi Bacci, M., Martuzzi Veronese, F. (1990). Le risorse umane del Mediterraneo. Bologna. Il Mulino.
- Massey, D.S., Arango J., Hugo G., Kouaouci A., Pellegrino A., Taylor J.E. (1999). Worlds in motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium. Oxford University Press.
- Maccoby, M. (1972). Emotional attitudes and political choices. *Politics & Society*, 2(2), 209-234
- Macedo, D. M., Smithers, L. G., Roberts, R. M., Paradies, Y., & Jamieson, L. M. (2019). Effects of racism on the socio-emotional wellbeing of Aboriginal Australian children. *International journal for equity in health*, 18(1), 1-10.
- Mandal, S. P., Arya, Y. K., & Pandey, R. (2012). Mental health and mindfulness: Mediation role of positive and negative affect. *SIS Journal of Projective Psychology and Mental Health*, 19(2), 150-159.
- Mbembe, A. (2014). Critica da raça negra, Antígona Editores, Lisboa.
- Monzini, P., “Le rotte dei ‘nostri’ migranti”, *Limes*, 6/2015, pp. 61-73.
- Moscovici, S. (1973). Foreword, in C. Herzlich, Health and Illness: A social psychological analysis, London: Academic Press
- Naso P., “Migrazioni 2.0”, *Limes*, 6/2015, pp. 149- 155.
- Noronha, K. M. (2004). Refugees and national identity: National identity and Eritrean refugees in the Sudan. Available at SSRN 1026847.
- Pettigrew, T., Merteens R. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology* 25:57-75
- Piore, M. (1979). Birds of passage. Migrant Labour and Industrial Societies, New York, Cambridge University Press.

- Purkhardt, S. C. (1993). Transforming social representations: A social psychology of common sense and science. Routledge. London
- Quillian, L. (2006). New approaches to understanding racial prejudice and discrimination. *Annu. Rev. Sociol.*, 32, 299-328.
- Pasquino, G. (2007). Nuovo corso di scienza politica. Bologna. Il Mulino.
- Rudman, L. A., & Ashmore, R. D. (2007). Discrimination and the implicit association test. *Group Processes & Intergroup Relations*, 10(3), 359-372.
- Rex, J., Mason, D., & Mason, D. S. (Eds.). (1988). Theories of race and ethnic relations. Cambridge University Press.
- Sabin, J. A., Rivara, F. P., & Greenwald, A. G. (2008). Physician implicit attitudes and stereotypes about race and quality of medical care. *Medical care*, 678-685.
- Sibley, C. G., & Liu, J. H. (2012). Social Representations of History and the Legitimation of Social Inequality: The Causes and Consequences of Historical Negation 1. *Journal of Applied Social Psychology*, 42(3), 598-623.
- Steel, Z., & Silove, D. M. (2001). The mental health implications of detaining asylum seekers. *The Medical Journal of Australia*, 175(11-12), 596-599.
- UNHCR, 2014. Retirado de: <https://www.unhcr.org/556725e69.html> em data 27/06/2022
- UNHCR, 2016. Retirado de <https://www.unhcr.org/55df0e556.html> em data 27/06/2022
- Vala, J., Brito, R., Lopes, D. (1999) Expressões dos racismos em Portugal . Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Vala, J., Pereira, C., & Costa-Lopes, R. (2009). Is the attribution of cultural differences to minorities an expression of racial prejudice? *International Journal of Psychology*, 44, 20-28.
- Vala, J., Pereira, C. R., Lima, M. E. O., & Leyens, J. P. (2012). Intergroup time bias and racialized social relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(4), 491-504.

- Vala, J. (2013). Racisms: Social representations, racial prejudice and normative pressures. *Papers on Social Representations*, 22, 1-29.
- Vala, J. (2021). Racismo, hoje: Portugal em contexto europeu. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Valentim, J. P. (2011). Representações sociais do luso-tropicalismo e olhares cruzados entre portugueses e africanos. MJ Simões (Coord.) *Imagotipos Literários: Processos de (Des) configuração na Imagologia Literária*, 55-75.
- Valentim, J. P., & Heleno, A. M. (2018). Luso-tropicalism as a social representation in Portuguese society: Variations and anchoring. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 34-42.
- Wallerstein, L. (1982). *Il Sistema mondiale dell'economia moderna*. Bologna. Il Mulino.
- Wimmer, A. (1997). Explaining xenophobia and racism: A critical review of current research approaches. *Ethnic and racial studies*, 20(1), 17-41.
- Winant, H. (2000), "Race and race theory", *American Review of Sociology*, 26, pp. 169-185
- Zimbardo, F. (2007). *The Lucifer Effect*. Random House, New York
- Zimbardo, P., & Franco, Z. (2007). The banality of heroism. *Grater Good*, 30-35.

7. Anexos

Anexo 1 . Folha de Acolhimento Operacional

Visita ao CAR



Nome do requerente: _____

Data de entrada no CAR: ____/____/____ Quarto nº: _____

Data da Visita: ____/____/____ Idiomas: _____

	Sim	Não	Observações
Regras Gerais			Respeito pelos outros residentes, colaboradores, materiais/equipamentos. Não é permitido álcool, drogas ou armas. Não é permitida a permanência no centro sob efeito de álcool ou drogas. Não é permitido qualquer tipo de violência. Proibida a entrada de pessoas externas ao CAR.
Recepção	☐	☐	Horário da recepção das 09h00 às 18h00. Marcações de atendimento e encaminhamentos podem ser realizados com o Pedro. Dossier com informação diversa disponível a pedido. Cartazes das atividades realizadas no CAR / referência WiFi. Obrigatório uso de máscara.

Biblioteca	☐	☐	Possibilidade de aceder a computadores, requisitar livros, estudar ou, no caso das crianças acompanhadas por um adulto, brincar na zona da mediateca. Horário indicado na porta de entrada. Obrigatório uso de máscara.
Espaço Cozinha	☐	☐	Espaço comunitário: todos devem limpar, arrumar, lavar a loiça e colocar o lixo nos locais apropriados (reciclagem) – salientar limpeza e bom acondicionamento dos alimentos como medida de prevenção de doenças. Apoio de Hélia, das 14h00 às 22h00, 2.ª a 6.ª feira. Sábado e domingo apoio de empresa. Gás encerra às 21h00 para limpeza do espaço. Há um cacifo por requerente, a ser atribuído pela Hélia, sendo que, à saída do CAR, o requerente deverá devolver a respetiva chave. Há um frigorífico por quarto. Tanto o cacifo como o frigorífico deve ser mantido em boas condições de higiene. Segurança da água da torneira como água potável. Obrigatório uso de máscara.
Banco Alimentar	☐	☐	Importância de boa gestão de economia doméstica. Quinta-feira há distribuição de alimentos doados e poderá havê-lo ocasionalmente em outros dias (alguns dos alimentos são entregues na cozinha para todos). Banco é composto por bens doados – diversidade e quantidade varia.
Zona de Convívio	☐	☐	Utilização da televisão, com vários canais/em diversas línguas. Hora do descanso: 23h00. Obrigatório uso de máscara.
Posto médico	☐	☐	Acompanhamento semanal de equipa médica, mediante articulação com Assistente Social. Realização de plano Nacional de Vacinação e rastreios.
Salas de formação	☐	☐	Realização de atividades diversas, inclusive aulas de PLE e encontros multiculturais– inscrições na receção. Obrigatório uso de máscara.
Gabinetes Técnicos	☐	☐	Indicação dos diversos serviços: gabinete de psicologia, social, jurídico, integração e tesouraria. Horário indicado na porta, mediante marcação na receção. Necessário comparecer a atendimentos agendados.
Lavandaria	☐	☐	Horário para lavagem de roupa de cama e roupa pessoal indicado na porta (no dia de chegada pode ser feita exceção para lavagem de roupa pessoal no dia seguinte).

			Residentes podem engomar a sua roupa – em articulação com a Lília. Proibido lavar/secar roupa no quarto/wc (humidade) ou rua (ausência de estendal). Qualquer urgência, articular com Lília. Obrigatório uso de máscara.
Banco de Roupa	☐	☐	Mediante marcação na receção. Alguma urgência/necessidade imediata? É um espaço para todos – não desarrumar. Obrigatório uso de máscara.
Quarto	☐	☐	Quarto partilhado – respeito pela hora do descanso a partir das 23h00. Vigilante faz uma ronda para confirmação de presenças. Limpeza e arrumação do espaço da responsabilidade de cada um. Uma vez por semana há limpeza profunda pela Adriana. Não é permitido guardar comida nos quartos, fumar ou a entrada de pessoas externas. À saída do CAR, a roupa de cama deve ser devolvida na lavandaria.
Quarto de Isolamento	☐	☐	Plano de contingência do CAR – em caso de algum sintoma contactar o vigilante, com uso obrigatório de máscara. Realização de rastreios regulares. Respeito pelo isolamento indicado para proteção de todos.
Horta Comunitária	☐	☐	Possibilidade de reativação. Interesse em voluntariado no CAR?
Polidesportivo	☐	☐	Mediante marcação na receção. Horário de verão (de 1 de junho a 30 de setembro) - De segunda-feira a sábado, das 10h00 às 21h00; horário de inverno (de 1 de outubro a 30 de maio) - De segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00.

Observações (questões médicas; convivência no centro/quarto; necessidades primárias; etc.)

Colaborador: _____

Anexo 2 . Inquérito de Satisfação aos utentes do CAR



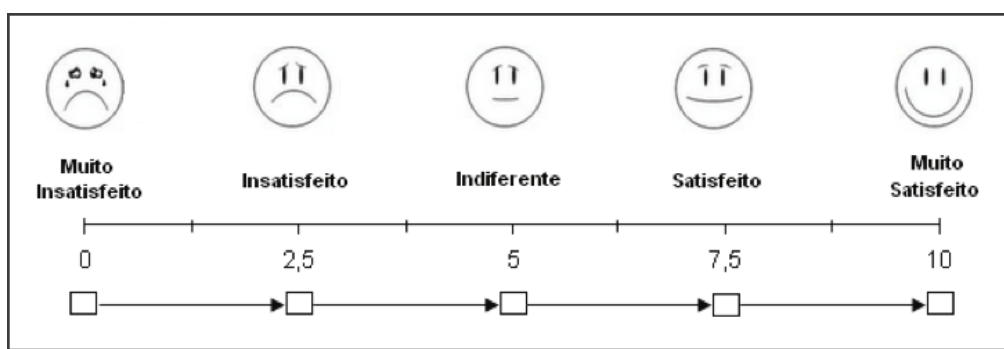
Inquérito aos residentes do Centro de Acolhimento para Refugiados (CAR)

Inquérito n. 1111

Data 111 / 111 / 1111

Este inquérito pretende conhecer a opinião dos residentes do Centro de Acolhimento para os Refugiados (CAR) do Conselho Português para os Refugiados (CPR) sobre o CAR, com o objetivo de melhorar a intervenção. **O inquérito é anónimo e confidencial.**

A escala de avaliação de satisfação utilizada é a seguinte:



Muito obrigado pela sua colaboração!

I. Caracterização Geral do/a residente

Nacionalidade: _____ Idade: _____

Género: ☐ Masculino ☐ Feminino ☐ Outro

Mês/ano de entrada no CAR: _____

Situação Familiar no Centro: ☐ Sozinho/a ☐ Com o companheiro/a ☐ Com os filhos

☐ Com o companheiro/a e filhos ☐ Outra _____

Situação Jurídica: ☐ Fase de Admissibilidade ☐ Fase de Instrução ☐ Decisão de Não Admissão

II. Avaliação Geral

De uma forma geral, como classifica o seu grau de satisfação com o Centro de Acolhimento onde reside:

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

III. Avaliação do espaço/equipamentos disponíveis

De uma forma geral, como classifica o seu grau de satisfação com o espaço/equipamentos disponíveis no Centro:

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Qual é o espaço que mais gosta do Centro:

☐ Cozinha ☐ Sala de estar ☐ Quarto ☐ Biblioteca ☐ Polidesportivo ☐ Sala de formação ☐ Recepção ☐ Pátio ☐ Outro: _____

Porquê? _____

Qual é o espaço que menos gosta do Centro:

☐ Cozinha ☐ Sala de estar ☐ Quarto ☐ Biblioteca ☐ Polidesportivo ☐ Sala de formação
☐ Recepção ☐ Pátio ☐ Outro: _____

Porquê? _____

Há algum tipo de sala ou espaço que faz falta ou gostaria de ter no Centro?

Se sim, qual e porquê? _____

Como avalia o Centro em termos de limpeza e higiene:

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Concorda com a ideia de que todos os residentes devem participar na manutenção e limpeza dos vários espaços do Centro de Acolhimento:

☐ Sim ☐ Não Porquê? _____

Tendo em conta o nº de pessoas alojadas no Centro, considera que os espaços comuns são:

☐ Suficientes ☐ Insuficientes Porquê? _____

Sugestões para melhorar o espaço disponível no Centro (ex.: quartos, casas-de-banho, cozinha, sala de estar, biblioteca, etc.) em termos de mobiliário, equipamentos, decoração, limpeza, etc.: _____

IV. Avaliação do apoio prestado

De uma forma geral, como é que avalia o serviço prestado pela equipa do Centro:

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Como avalia o apoio dos vigilantes/auxiliares do Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia o funcionamento da receção no Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia o apoio social prestado no Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia o apoio jurídico prestado no Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia o apoio à integração prestado no Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia as atividades organizadas no Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

Como avalia o Banco de Roupas do Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

--	--	--	--	--

Porquê? _____

Como avalia o Banco Alimentar do Centro?

Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Indiferente	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a
				

Porquê? _____

V. Outros

De um modo geral, concorda com as regras de funcionamento do Centro de Acolhimento?

☐ Sim ☐ Não Porquê? _____

Sente-se seguro no Centro?

Muito inseguro/a	Inseguro/a	Indiferente	Seguro/a	Muito seguro/a
				

Comentários / Sugestões: _____
